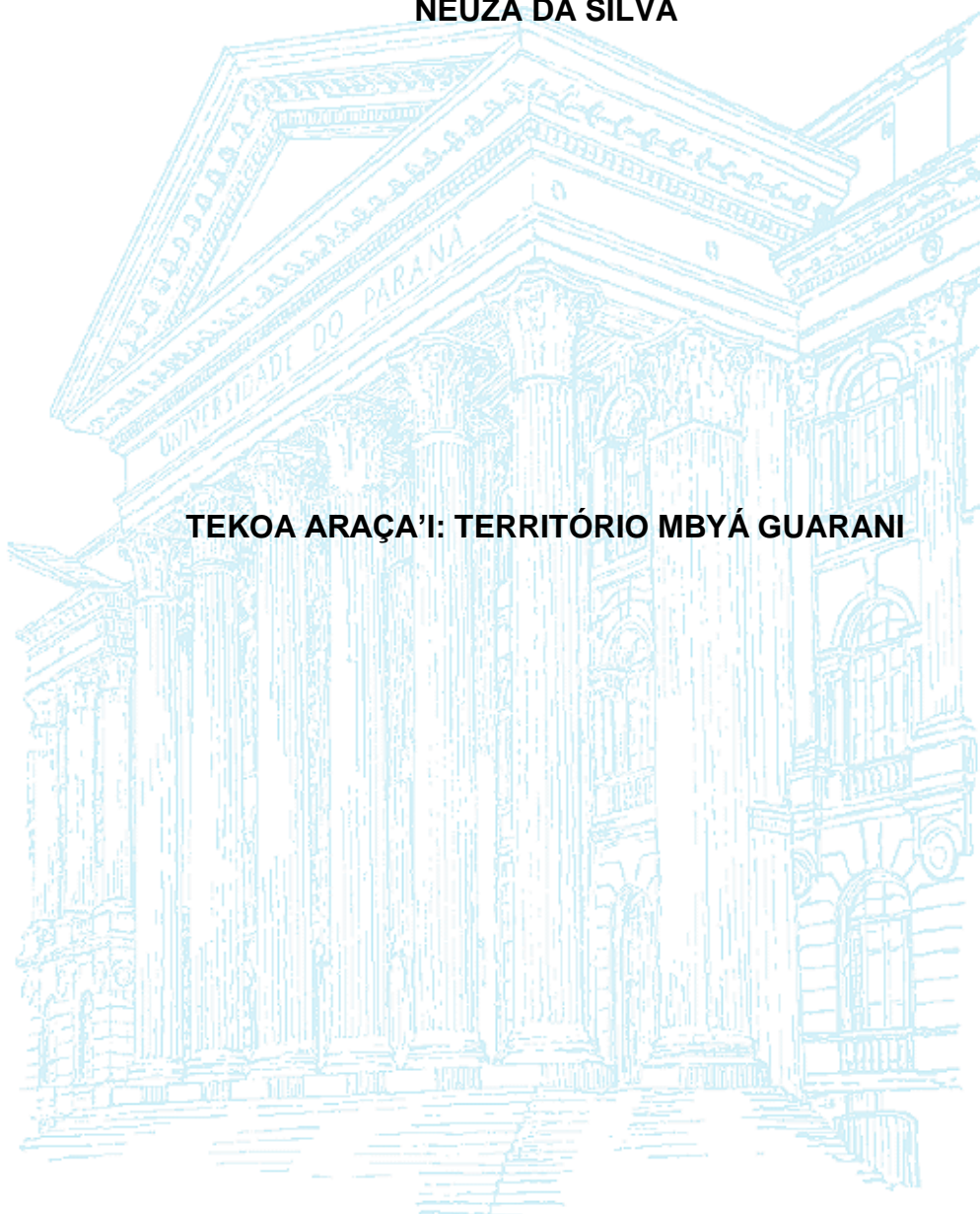


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR
LITORALCURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA

NEUZA DA SILVA



TEKOA ARAÇA'I: TERRITÓRIO MBYÁ GUARANI

MATINHOS/PIRAQUARA, PR

FEVEREIRO DE 2023

NEUZA DA SILVA

TEKOA ARAÇÁ: TERRITÓRIO MBYÁ GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza, do Setor Litoral da Universidade Federal Do Paraná.

Profa. Orientadora: Andrea Francine Batista

MATINHOS/ PIRAQUARA, PR

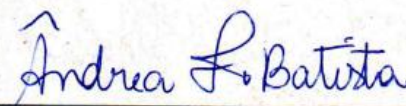
FEVEREIRO DE 2023

TERMO DE APROVAÇÃO

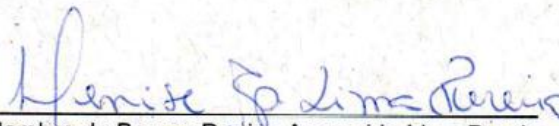
NEUZA DA SILVA

TEKOA ARAÇÁ: TERRITÓRIO MBYÁ GUARANI

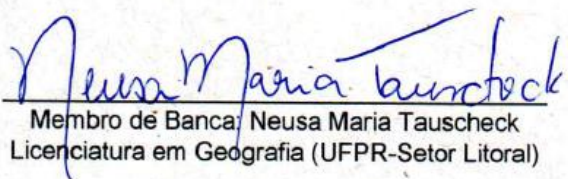
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza.



Orientadora: Prof. Dra. Andrea Francine Batista
Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (UFPR-Setor Litoral)



Membro de Banca: Derise Aparecida Lima Pereira
Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (UFPR-Setor Litoral)



Membro de Banca: Neusa Maria Tauscheck
Licenciatura em Geografia (UFPR-Setor Litoral)

MATINHOS, 23 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

Um momento muito especial em minha vida. Encerro um ciclo aqui e deixo meu agradecimento a NHANDERU (DEUS) por toda força e coragem que me fortaleceu para que eu alcançasse minha meta.

À Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, expresso minha gratidão por me proporcionar essa oportunidade de realizar o Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, onde tive dias de aprendizado muito rico.

A todos os professores (as) que com muito esforço, carinho, paciência e sabedoria me deram o privilégio de chegar até aqui. Muito obrigada. Estou com meu coração repleto de alegria e orgulho por ter vocês nessa caminhada.

Com muito respeito mostro minha admiração às queridas professoras Denise Aparecida de Lima, minha primeira orientadora, e Ândrea Francine Batista que, pela sua valiosa contribuição dada durante esse processo, fez a diferença na finalização deste trabalho. Sua dedicação só me fortaleceu. Sem vocês não seria possível chegar até aqui. Foram momentos desafiadores e vocês estavam ali me mostrando que o amor por essa profissão que escolhi é feita de companheirismo e muita dedicação.

Em especial, quero deixar meus sinceros agradecimentos a família, Mbyá Guarani da Tekoa Araça'í, por todos esses anos de convivência, por me oportunizar a realização de um trabalho riquíssimo. Um agradecimento especial ao senhor Marcolino da Silva, uma das pessoas que sempre tem uma palavra de alento, com um coração imenso, e um grande líder espiritual que nos traz muita sabedoria. Trabalho realizado por muitas mãos e com muita dedicação que foram fundamentais para meu crescimento. Agradeço imensamente a Eriton Ricardo Silva Teixeira por todo o apoio e motivação, uma amizade que me fortaleceu para que eu concluísse o curso.

A meus companheiros (as) do curso que tive o prazer de conhecer e compartilhar experiências, medos, expectativas. Ao longo do curso tivemos muitos momentos de aprendizados, descobertas, companheirismo. Foi muito especial.

Aos meus filhos (a) Luis Felipe, Aline e Jean, aos netos Amanda e Kauê, noras Regiane e Marcela, e, genro Everson. Ao meu companheiro Carlos que sempre esteve ao meu lado nessa longa caminhada. À toda minha família. Vocês foram minha inspiração para que tudo isso se concretizasse.

SONHOS

Eu
tenho sonhosDe
ver o preconceito
acabar
De ver os negros e brancos
se abraçarE todos
descobrirem o valor de
amar.

Eu
tenho sonhos
De ver a
pobreza
acabar
E ver as pessoas uns aos
outros ajudarE uma nação
desenvolvida e espetacular.

Eu
tenho sonhosDe
um dia saber ao
acordar
Que o homem do campo tem voz,
vez e lugarQue merece também
seu direito a conquistar.

Eu
tenho sonhosQue me
fazem escalar
montanha
Que me levam aos patamares da
esperançaQue me fazem sentir mais
uma vez ser criança.

Eu
tenho sonhosDe conquistar o
que tiver ao meu alcanceDe
tornar a vida mais bela e
fascinante
Pois a vida acaba, e se acabar... não tem mais nada a pensar.

Deise Ribeiro (Poeta Camponesa)

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, que teve como objetivo relatar a importância da resistência indígena em nosso país a partir da trajetória da Tekoa Araça'i, localizada em Piraquara no estado do Paraná. O trabalho abrange as várias dimensões que envolvem a Tekoa Araça'l visando relatar sua história, sua cultura, sua língua e tradições, seu artesanato, agricultura e cerimônias. A escrita deste trabalho teve também como expectativa a produção de um material que pudesse servir de apoio didático para ser compartilhado com a comunidade escolar indígena e não-indígena, e também com comunidade da Tekoa Araça'l. Ao realizar esse trabalho procurei descrever como vivem, suas tradições e sua cultura a partir de uma pesquisa de campo feita com os moradores mais antigos e com os jovens, a partir da leitura de textos e pesquisas na internet, e do registro de fotos com o objetivo de visualizar momentos da Tekoa .

Palavras-chave. História Indígena, Cultura Guarani, Tradição.

RESUMO EM LÍNGUA GUARANI MBYA

Kova'e mba'eapoma anhembo 'eagui' Curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências da Natureza, mba'eta aikuaavexevy mbyareko Reguare Ko nhandekuaiare Brasil py .Ijypy ovyrã Tekoa . Araxai gui, kova'e Tekoa ma opyta, Piraquara , estado do Paraná py. Kova'e mba'eapoma ogueru opamba'e Regua mba' exapa ijypyra'e kova'e Tekoa ha'egui nhandereko regua, nhandeayvua regua mba'emo para ojejapoaregua, Há'egui nhomongarai havi. Kova'e Kuaxiarema aja'po mba'eapo mbya kuery oipota, nhembo'eatypy ajapo. Há'erami aguã kyringue Rukuery ijayvu petei tei mba' eva' erã ojeapo Jurua kuery aipoe'i arami escola py. kova'e mba'eapo ajapoa aguã ma aeka ranhe mba'exapa ajapo aguã, Tekoa reguagui. Amboayvu Tekoa py hoo va'ekuery, tujakue, kunumingue, ambopara aguã texto ajapo ayvugui, ambopara' aguã Kuaxiare HÁ' EGUI Ta'angaa amboi. Va'ekue ema' ma'endu'a aguã gueKoare.

Palavras-chave: Mbya reko yma guare regua há'e aynguakuery regua

RESUMEN:

Este trabajo es el resultado de un proyecto de investigación realizado durante el Curso de Licenciatura en Educación de Campo - Ciencias de la Naturaleza, que tuvo como objetivo informar sobre la importancia de la resistencia indígena en nuestro país a partir de la trayectoria del Tekoa Araça'i, ubicado en Piraquara en el estado de Paraná. El trabajo abarca las diversas dimensiones que envuelven al Tekoa Araça'l con el objetivo de informar sobre su historia, cultura, lengua y tradiciones, artesanía, agricultura y ceremonias. También se esperaba que la redacción de este trabajo produjera un material que pudiera servir de apoyo didáctico para ser compartido con la comunidad escolar indígena y no indígena y también con la comunidad de los Tekoa Araça'l. Al realizar este trabajo intenté describir cómo viven, sus tradiciones y cultura a partir de una investigación de campo realizada con los residentes más antiguos y los jóvenes, de la lectura de textos e investigaciones en Internet, y del registro de fotos con el objetivo de visualizar momentos de la Tekoa.

Palabras clave: Historia Indígena, Cultura Guaraní, Tradición.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Localização via satélite da TEKOA ARAÇA'I	16
Figura 2 - Reservatório do Carvalho	18
Figura 3 - Legenda (A) da Cartografia Social de TEKOA ARAÇA'I	20
Figura 4 - Legenda (B) da Cartografia Social de TEKOA ARAÇA'I	20
Figura 5 - Antiga Casa de Reza (construída em 2009)	25
Figura 6 - Casa de Reza Atual (construída em 2018)	25
Figura 7 - Karai Ruxiva, Jorge Roberto Grando	27
Figura 8 - Artesanato Guarani Mbyá	29
Figura 9 - Adjaká produzido por Dona Jurema da Silva	31
Figura 10 - Início do Trançado	32
Figura 11 - Trançado do Cesto Guarani	32
Figura 12 - Dona Jurema da Silva trançando	35
Figura 13 - Petyngua	36
Figura 14 - Confecção de colares e pulseiras	39
Figura 15 - Colares Produzidos	39
Figura 16 - Produção de Arco Flecha	40
Figura 17 - <i>Xivi Ra</i> (Onça) confeccionado pelo artesão Silvio de Quadro	41
Figura 18 - Relato do indígena Silvio de Quadro	42
Figura 19 - Organização da Assistência à Saúde Indígena	51
Figura 20 - Antigo Posto de Saúde da Tekoa Araça'í	52
Figura 21 - Unidade atual do Posto de Saúde da Tekoa Araça'í	52
Figura 22 - Escola Indígena Mbya Arandu antes da reforma	55
Figura 23 - Escola Indígena Mbya Arandu reformada	56
Figura 24 - Nova estrutura da Escola Indígena Mbya Arandu	57
Figura 25 - Calendário da Escola Indígena Mbya Arandu (2019)	62
Figura 26 - Reformulação Projeto Político Pedagógico Escola Indígena Mbya Arandu.....	65
Figura 27 - Imagens da Reformulação do Projeto Político Pedagógico	65
Figura 28 - Atividades com Estudantes e Apresentação das Propostas	66
Figura 29 - Apresentação das Propostas para a Comunidade	66
Figura 30 - Nhe'engatu Mirim	68

LISTA DE ABREVIATURAS

CIMI	- Conselho Indigenista Missionário
CRLS	- Câmara de Resolução de Litígios de Saúde
FUNAI	- Fundação Nacional dos Povos Indígenas
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
LECAMPO	- Licenciatura em Educação do Campo
PPP	- Projeto Político Pedagógico
SEGAT	- Segurança Ativa
SIG	- Sistema de Informação Geográfico
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Síntese sobre a Preparação do <i>ADJAKÁ</i> na Tekoa Araçá'í	33
Quadro 02 - Disciplinas do Currículo da Escola Indígena Mbyá Arandu.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO 01: ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA TERRA INDÍGENA ARAÇA'I 14	
1.1 Localização Geográfica da Tekoa Araça'í – PR	15
1.2 Cartografia Social na TEKOA ARAÇA'I	19
2. CAPÍTULO 02: A TERRITORIALIZAÇÃO DA TEKOA ARAÇA'I	23
2.1 A chegada na terra Karuguá – Araça'í	24
2.2 A Cultura e o Artesanato na Tekoa Araça'í: Teko Nhemoxankã.....	28
2.2.1 As Cestarias e seus Trançados	29
2.2.2 Grafismos nas Cestarias e no Corpo	35
2.2.3 Petygua.....	36
2.2.4 Colares (Mbo'y) e Pulseiras	37
2.2.5 Arco e Flecha	39
2.2.6 Esculturas em Madeira	40
2.2.7 Chocalho	43
2.2.8 O Coral	43
2.3 Calendário Mbya Guarani e o Sistema de Plantio	44
2.4 As Tradições e Celebrações	45
2.4.1 – Celebração KA' Á'I (ERVA –MATE)	46
2.4.2 Celebração NHEMONGARAÍ	47
2.4.3 Celebração ARAPOTY	48
2.4.4 Celebração XONDÁRO JEROKY: Dança do XONDARO	48
2.5 Saúde Indígena Tekoa Araça'í.....	50
3. CAPÍTULO 03: A ESCOLA INDÍGENA MBYA ARANDU NA TEKOA ARAÇA'Í 54	
3.1 Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Mbya Arandu	57
3.1.1 Currículo Escolar Indígena	59
3.1.2 Calendário Escolar	61
3.1.2 Gestão Escolar	62
3.1.3 Quanto ao vínculo pedagógico entre a Escola Mbya Arandu e a Comunidade Indígena	63
3.1.4 Quanto à Educação Especial	64
3.2 Reformulando o Projeto Pedagógico da Escola Indígena Mbya Arandu	64
3.3 Equipe de trabalho da Escola Indígena Mbya Arandu.....	67
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
6. ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

A caminhada que possibilitou a construção desse trabalho iniciou de 2013, quando fui selecionada, através do Processo Seletivo Simplificado, para trabalhar na Mbya Arandu Escola Estadual Indígena – Ensino Fundamental, no município de Piraquara, Paraná. A partir desse momento conheci a Tekoa Araça'l, com a qual tenho convivido e aprendido desde então.

Antes ainda de ter participado desse processo seletivo, já havia trabalhado com indígenas, a partir do cargo de inspetora no Centro Estadual de Educação Profissional Newton Freire Maia (2014-2015), num curso Técnico de Agropecuária, no município de Pinhais, Paraná. Neste curso estudavam indígenas dos povos Guarani e Kaingang.

No ano de 2018, através da indicação da Mbya Guarani Escola Estadual Indígena, e com o consentimento da comunidade, iniciei o Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral (UFPR). Foi quando me dediquei a sistematizar os conhecimentos e a história desse povo.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo e bibliográfica realizada junto à Tekoa Araça'l localizada na Estrada da Barragem no Município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba. Uma Terra Indígena que reúne famílias do povo Mbyá Guarani. Consideramos importante sistematizar a trajetória da Tekoa Araça'l pois visa demonstrar o fortalecimento, a preservação da cultura e seus costumes desde a chegada destas famílias no município de Piraquara Paraná até os dias atuais.

O objetivo geral que orientou o processo de pesquisa foi o de sistematizar alguns dos principais aspectos da história e da cultura da Tekoa Araça'l diante de um contexto de resistências indígenas e sua luta pela demarcação de terras.

Como desdobramentos deste, identificamos três objetivos específicos. Foram eles: a) Registrar a história da Tekoa Araça'l através de relatos dos moradores; b) Identificar os principais aspectos que envolvem a cultura e o modo de vida do povo Mbyá Guarani; c) Produzir um material que possa servir de apoio didático para a

comunidade escolar indígena e não indígena, assim como para os moradores da Tekoa.

Como parte da metodologia da pesquisa de campo realizamos vários registros fotográficos e entrevistas com integrantes da comunidade. Coletamos também vários dados sobre a Terra Indígena a partir da observação e da convivência cotidiana com seus integrantes, pois a pesquisadora atua na Escola Indígena *Mbyá Arandú*, dentro da Tekoa Araçá. A construção deste trabalho foi feita através de muito diálogo com a comunidade, e portanto tem muitas mãos envolvidas.

Como estudante do Curso Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza vemos o importante papel da educação do campo para as comunidades indígenas, povos dos campos e das florestas, quilombolas, pescadores artesanais, assentados, trabalhadores rurais. O fortalecimento e a valorização desses povos depende também de uma educação que cumpra o papel importantíssimo na busca de políticas públicas que venham ao encontro dessas comunidades.

A escolha desse tema aconteceu a partir da convivência que tenho junto à comunidade. O principal motivo que me levou a fazer esses registros da Tekoa foi o meu despertar em querer aprender sobre seu modo de vida, compreender a resistência e suas lutas que vem das consequências do processo de colonização sofrido por eles. Ver a importância de ver sua história, aprender um pouco mais sobre sua cultura, tradições e língua, enfim, tudo o que envolve a Terra Indígena. Ainda hoje a sociedade mostra seu preconceito, sua ideia do indígena nu com seu corpo pintado, sem civilização. Nesse contexto vemos um novo caminhar de resistência e sabedoria que simboliza a nação Mbyá Guarani como a maior nação existente.

No que diz respeito às entrevistas, coletamos relatos e depoimentos dos próprios moradores, principalmente dos anciões da comunidade que fizeram parte da história desde a chegada desse povo no município, como, por exemplo, o senhor Marcolino da Silva e as senhoras Natalina da Silva e Jurema da Silva. Também, com os jovens indígenas relatando suas vivências na Tekoa, com os professores indígenas e não indígenas (*Juruás*) que têm expectativas de mundo diferentes. Foram importantes para a coleta de dados e também para estabelecer as conexões entre os diferentes temas que envolvem o trabalho tanto a observação do cotidiano, dos afazeres da comunidade, quanto do modo de vida deste povo indígena.

Compreendemos a partir dessa importância, que existe a necessidade de produzir um material didático, um material que sistematizando toda essa história e

cultura possa ser disponibilizado junto à Escola Indígena *Mbyá Arandú*, e junto à própria Tekoa Araça'í. É fundamental não deixar para traz a realidade vivida pela comunidade.

Apresentamos os resultados desta pesquisa a partir da organização de alguns capítulos que buscam articular vários dados, informações e reflexões que foram desenvolvidas durante a trajetória.

No capítulo I, iniciaremos com os dados da população indígena segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua localização geográfica, relevo, clima, vegetação e hidrografia. Apresentaremos também a divisa com a barragem do Rio Cayuguava ou Piraquara I e o reservatório do Carvalho, assim como a forma da leitura geográfica construída junto aos indígenas a partir da cartografia social coordenada por um dos professores *Juruás* da Escola Indígena.

No capítulo II, iremos relatar a trajetória de chegada dos moradores, a conquista da Terra Indígena, a construção das casas de moradia e da Casa de Reza. Apresentaremos também a quantidade de famílias, idioma falado, a saúde indígena, a cultura, o artesanato como fonte de renda, as tradições e celebrações, e o sistema de plantio a partir do calendário Mbya Guarani.

No capítulo III, descrevemos a origem e a proposta pedagógica da Escola Indígena Mbya Arandu construída no território da aldeia, destacando sua importância para a resistência e fortalecimento da cultura guarani.

Um trabalho rico de aprendizagens, essencial para minha formação.

Desde já meus sinceros agradecimentos à Tekoa Araça'í pela oportunidade de fazer parte dessa comunidade.

CAPÍTULO I

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA TERRA INDÍGENA ARAÇAÍ

Segundo dados do Censo demográfico de 2010, o número de pessoas que se declaram indígenas é de são 896.917, das quais 57,7% vivem em Terras Indígenas¹. No Paraná, vivem cerca de 13.300 indígenas², dos quais se dividem em dois grandes grupos. Os Kaingags e os Guaranis. Os Kaingangs são integrantes do tronco linguísticos *Macro-Jê*, no qual também se encontram inseridos o povo Xokleng. Os Guaranis, são integrantes do tronco linguístico Tupi-Guarani, no qual também estão inseridos os povos *Xetás*. Apesar de estes dados pertencerem ao Censo de 2010, há um estudo realizado pelo Instituto Socioambiental, segundo a Secretaria de Educação da Educação (2019), que demonstra uma quantidade de 70% dos integrantes pertencentes ao povo Kaingang, e 30% ao povo do (IBGE), o Censo Demográfico de 2010 estimava que existia na região Sul do Brasil aproximadamente Guarani, sob o qual se dedica esse trabalho.

Em relação ao povo Guarani, existem três 3 subgrupos subdivididos a partir das diferenças dialetais, de crenças, rituais. São eles: Guarani-Nhandeva, Guarani-Kaiowá (que significa povo da floresta) e os Guarani-Mbya. Envolvendo todos esses subgrupos, existem cerca de 51.000 guaranis estão espalhados por sete estados do Brasil, o que a faz a etnia mais numerosa no país. Muitos outros ainda vivem nos países vizinhos, como Argentina, Paraguai e Bolívia³. Destes, cerca de 4.000 se concentram no Estado do Paraná. (IBGE, 2010).

As lutas indígenas são constantes, uma delas de grande importância e a questão da terra. Sabemos que os conflitos são históricos, e afetam indígenas de todo o território brasileiro, há muitos conflitos violentos com mortes. Em 2019 o governo

¹ IBGE. Conheça o Brasil-População Indígena. In: IBGE EDUCA. *Online*, 2010. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20506-indigenas.html> Acesso em 30.09.2022.

² SEED-PR. Povos Indígenas do Paraná. In: Secretaria de Educação do Estado do Paraná – SEED-PR. *Online*: “s.d”. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=554> Acesso em 30.09.2022.

³ SURVIVAL. Os Guaranis. In: SURVIVAL - Voz Indígena. *Online*: “s.d”. Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/povos/guarani#:~:text=No%20Brasil%2C%20vivem%20atualmente%20cerca.no%20Paraguai%2C%20Bol%C3%ADvia%20e%20Argentina>. Acesso em 09.01.2023

federal anunciou demarcação de terras indígenas, mas com um grande risco de redução de território, uma interpretação jurídica não prevista na Constituição, o chamado “**marco temporal**”. Ainda não passou pelo Supremo Tribunal Federal mas que tem gerado um grande impasse entre Funai e Ministério da Justiça na análise do processo de demarcação de terra.

O **marco temporal** é uma tese jurídica que defende uma alteração na política de demarcação de terras indígenas no Brasil. Segundo essa tese, só poderia reivindicar direito sobre uma terra o povo indígena que já estivesse ocupando-a no momento da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988.⁽⁴⁾

O relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil, com dados de 2021⁽⁵⁾, destaca uma crescente invasão de terras indígenas entre os anos de 2018 e 2021 num contexto de violência contra os direitos constitucionais destes povos. Somente em 2021, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) registrou 305 casos, que atingiram pelo menos 226 Terras Indígenas em 22 estados. No ano de 2020, foram 263 casos, e no ano de 2018, foram registrados 109 casos de invasões e exploração ilegal dos recursos naturais.

Em meio a todo o processo de mudanças sociais, políticas e culturais em que o país vive, nos dedicamos a relatar nesse trabalho trajetória e a luta por território dos indígenas *Guaranis Mbyás* que vivem na Tekoa Araçá’l. Nela, todos vivem em comunidade, compartilhando seus hábitos, costumes, tradições e costumes sem nenhum traço de desigualdade social entre os integrantes.

1.1. Localização Geográfica da Tekoa Araçá’l - PR

É importante destacar que existem duas Terras Indígenas conhecidas pelo nome Araçá’l. Uma delas, denominada Guarani de Araçá’l, é localizada no Estado de Santa Catarina entre os Municípios de Cunha Porã e Saudades. É povoada por *Guaranis-Ñandeva*, em uma área de cerca de 3.000 hectares.

A outra, que é tema de nossos estudos chama-se Terra Indígena Karugá’l

⁴ Fonte da informação: Web Página da UOL – Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/politica/marco-temporal.htm#:~:text=O%20marco%20temporal%20C3%A9%20uma%20tese%20jur%C3%ADdica%20que%20defende%20uma,5%20de%20outubro%20de%201988> Acesso em 30/09/2022.

⁵ RANGEL, Lucia Helena. **Violência contra os Povos Indígenas no Brasil, com dados de 2021**. Brasília: CIMI (Conselho Indigenista Missionário), 2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/edicoes-anteriores/> Acesso em 09.01.23

(Araça'í), mais conhecida como Terra Indígena Araça'í, estabelecida no Município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba, Paraná. É integrada pelo povo *Guarani Mbyá*, situada num complexo de mananciais da Serra do Mar. Mananciais esses que foram sendo represados com a finalidade de abastecer a demanda de água do Município de Curitiba.

Esta Terra Indígena está localizada entre a Represa Piraquara I, na Barragem do Rio Cayuguava e o reservatório do Carvalho. É uma área de preservação ambiental na Vila Fuck, área rural do município.

Na imagem de satélite capturada através do site Google Earth, é possível identificar com maior precisão sua localização.

Figura 01 - Localização via satélite da TEKOA ARAÇA'Í



Fonte: Imagem de Satélite retirada do Google Earth (2018)

Segundo o Plano Diretor do Município de Piraquara, este localiza-se na porção leste da Região Metropolitana de Curitiba, em bacias formadoras da área de proteção aos mananciais de abastecimento público (Alto Iguazu), e em parte da bacia litorânea. Situada nas encostas da Serra do Mar, limita-se ao norte com o município de Quatro Barras, a leste com Morretes, ao sul com São José dos Pinhais e a oeste com Pinhais. Ocupa uma área de 224,12 Km², estando a aproximadamente 22 Km da capital, no Primeiro Planalto paranaense, com altitude média de 897 metros acima do nível do mar. Suas coordenadas geográficas (centro histórico) são: 25°26'35" de Latitude Sul e 49°03'37" de Longitude Oeste de Greenwich. (PIRAQUARA, 2017)

Em relação ao clima, segundo a classificação de Wladimir Köppen, o município

de Piraquara está inserido no tipo Cfb, que corresponde: •C– clima subtropical mesotérmico (temperado); •f– sempre úmido, com chuvas constantes; •b– temperatura média do mês mais quente inferior a 22° C. A temperatura média mensal ao longo do ano situa-se entre 12 e 20°C, caracterizando um clima temperado. Os verões tem se apresentado frescos e agradáveis, mas no inverno com geadas severas e frequentes. (PIRAQUARA, 2017)

Em relação à hidrografia do município, destacamos que Piraquara, situa-se numa região onde a umidade vinda do Oceano Atlântico que passa pela Serra do Mar, o que contribui para que a quantidade de chuvas, neblinas e a umidade relativa do ar sejam maiores em relação a outros municípios mais distantes do oceano. Os principais rios do município são: a) Rio Iraí: divisa com o município de Pinhais, do qual os rios Iraizinho e Piraquara são afluentes; b) Rio Iraizinho: nasce no município de Piraquara, em Roça Nova e deságua no rio Iraí; c) Rio Piraquara: deságua no rio Iraí. Um dos seus contribuintes é o rio Cayuguava; d) Rio Curralinho: divisa com o município de Quatro Barras, afluente do rio Iraí; e) Rio Itaqui: divisa com o município de São José dos Pinhais também afluente do rio Iraí (TESSEROLLI, 2007).

Em 1979, foi inaugurada a Barragem do Rio Cayuguava, ou Represa do Rio Piraquaral, com uma área inundada de 3,3 km². Integralmente dentro do município, possui uma vazão de 600 L/s. Os principais objetivos para sua construção foram atenuar os efeitos das enchentes no vale do Iguaçu, principalmente em território curitibano e de São José dos Pinhais e garantir uma vazão mínima regularizada junto à captação do rio Iguaçu em longos períodos de seca. (TESSEROLLI, 2007)

Nos últimos anos, vem ocorrendo períodos prolongados de estiagens na região, o que tem interferido diretamente na quantidade de água na represa. Com a seca registrada em 2020 pela falta de chuvas, o Governo do Paraná decretou emergência Hídrica, e a Barragem de Cayuguava revelou os detalhes de sua formação ao longo da década de 1970. A chaminé da Casa de Bombas se encontrava fora da água, e o nível baixo da água apresentou vestígios de antigas construções que haviam ficado submersas no reservatório⁶.

Próximo a esta Barragem, numa área de preservação ambiental, encontra-se o

⁶ Informação obtida através de reportagem veiculada no site da Prefeitura de Piraquara. PIRAQUARA. Estiagem prolongada transforma cenário da Barragem de Piraquara I. In. **Piraquara Prefeitura**. Piraquara: Prefeitura de Piraquara, 27.07.2020. Disponível em: <https://piraquara.pr.gov.br/Estiagem-prolongada-transforma-o-cenario-da-Barragem-Piraquara-I-4-12045.shtml> Acesso em agosto de 2022.

Reservatório do Carvalho, uma área mantida pela SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná), e que faz parte do complexo de reservatórios que abastecem o município de Curitiba a partir do ano de 1908. Foi o primeiro sistema de captação e abastecimento público do Paraná⁷. O município de Curitiba recebeu água exclusivamente deste sistema até 1945. Hoje ele abastece somente a Tekoa Indígena Araçaí.

Figura 02 – Reservatório do Carvalho



Fonte: Autor e anos não identificados. Disponível em: <https://www.viverempiraquara.com.br/o-que-fazer-em-piraquara/reservatorio-do-carvalho-em-piraquara/> Acesso em 23/10/2022.

A Tekoa Araçaí, encontrando-se próximo à esta região, conta com água encanada que vem do reservatório do Carvalho. Ela chega até a aldeia através de tubulação, e fica armazenada em uma caixa de água. Ali recebe o tratamento e somente depois distribuída na Aldeia e na Escola.

Em relação à vegetação de Piraquara, é possível identificar que é originária constituída de Floresta de Araucárias e Floresta Atlântica (Serra do Mar), mas também com a presença de erva mate e vegetação de várzea importantes. A partir dos interesses do desenvolvimento econômico e de todo o desmatamento que vem se configurando a partir dos interesses do capital, a vegetação ultimamente vem sendo constituída por eucalipto (originário da Austrália e da Tasmânia) e pinus (vindo dos EUA, Canadá e Europa).

⁷ Fonte da informação: Web Página do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis de Boacáina. Disponível em: <https://www.otss.org.br/cartografia-social> Acesso em 14.09.2022

1.2. Cartografia Social na TEKOA ARAÇA'Í

A cartografia social é uma metodologia de mapeamento que permite as comunidades produzirem mapas dos territórios que ocupam. Um mapeamento social onde envolve a população do local, um instrumento utilizado para fazer valer os direitos da comunidade local. Esse mapeamento garante a delimitação de terras indígenas, a titulação de territórios quilombolas e a regularização fundiária de território caiçara. Os mapas sociais são construídos de forma participativa, e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles são colocados espaços de roça, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidade de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes, ou seja seu território praticado.

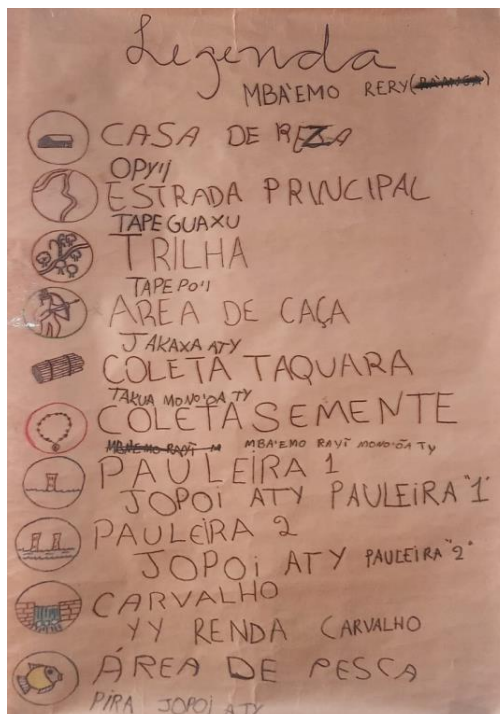
O projeto de construção de uma cartografia social na Tekoa Araça'í tem sido desenvolvido pelo professor *Juruá* Fernando Santos Vargas da Escola Indígena *Mbyá Arandu*. O professor é estudante do Curso de Geografia da UFPR/LITORAL.

O processo de elaboração, da cartografia social envolveu toda a comunidade e tem sido de suma importância para a Tekoa. Também contribuiu enormemente para a elaboração do presente trabalho. O projeto teve seus primeiros encontros no final de 2017 que serviram para apresentar as características metodológicas da cartografia social, e sua potencialidade enquanto instrumento de lutas por terra e território. No ano de 2018 se iniciaram as primeiras oficinas com os croquis (mapas manuais, foto e vídeos), geoprocessamento, produção de texto, edição de vídeos e fotos, edição de texto e sistema de informação geográfico – SIG (SOFTWARE, QGIS). Todas as oficinas levaram à produção de um fascículo cartográfico que está em sua fase final de revisão pelo povo Guarani M'bya da Tekoa Araça'í. Nesse fascículo cartográfico está um pouco da história da comunidade. Alguns conceitos de espaço, lugar, terra e território a partir da cosmografia Guarani M'bya estão no texto elaborado pela própria comunidade, além de foto e desenhos feitos pelos jovens da comunidade. Os mapas sociais produzidos por softwares livres acompanham legendas e o geoprocessamento também elaborados pela comunidade.

O fascículo cartográfico elaborado a partir da metodologia da cartografia social tem o objetivo de mostrar autoconhecimento do território praticado. Pode ser transformado como instrumento de luta e também material didático para a Escola

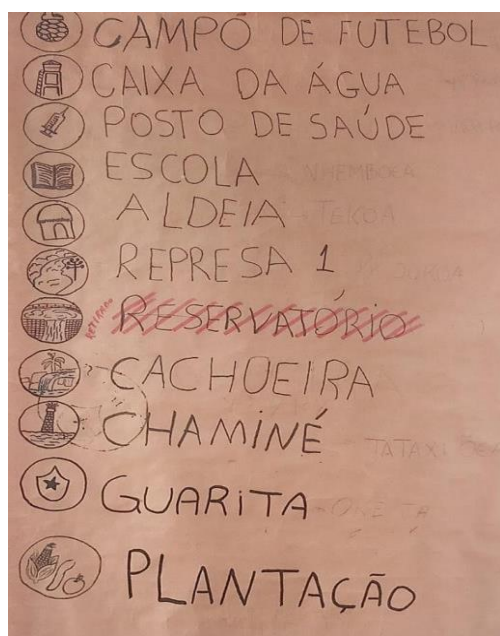
Indígena.

Figura 03 – Legenda (A) da Cartografia Social de TEKOA ARAÇA'I



Fonte: Foto de Fernando Vargas (Professor *Juruá* da Escola Indígena *Mbyá Arandu*), 2018

Figura 04 – Legenda (B) da Cartografia Social de TEKOA ARAÇA'I



Fonte: Foto de Fernando Vargas (Professor *Juruá* da Escola Indígena *Mbyá Arandu*), 2018

A construção desta cartografia social ainda se encontra em andamento.

Quanto aos aspectos legais do reconhecimento da Tekoa Araça'I, falta

interesse do poder público, em demarcar essas terras, a negação de reconhecer os territórios indígenas é histórico e interesse político em reconhecimento do território indígena. Na Tekoa Araça' I existe apenas um decreto municipal de utilidade pública indicando a implantação do território indígena. Vejamos na citação abaixo, a redação do decreto:

[...] Considerando o disposto no artigo 231 da Constituição Federal, que reconhece os direitos originários dos índios sobre as terras que tradicionalmente ocupam; Considerando que as terras ocupadas pelos índios são de relevante interesse às políticas de valorização da cultura das comunidades indígenas, e Considerando que cumpre também aos Municípios garantir aos índios e comunidades indígenas, nos termos da Constituição, a posse permanente das terras que habitam, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nestas terras existentes [...] fica decretado de utilidade pública, para fins de implantação do "Espaço Etno Bio Diverso M'byá Guarani – Aldeia Araça-í". (PIRAQUARA, Decreto 2941/2007)

As terras da Tekoa Araça' I tem alguns pontos ainda a percorrer para ser homologada, que são:

- a) Estudos de Identificação do território com elaboração de relatório.
- b) Aprovação do relatório pela FUNAI com publicação obrigatoriamente em 15 dias.
- c) Averiguar se há contestação ao laudo da FUNAI, ou contraditório.
- d) Encaminhamento do processo administrativo de **demarcação** pela FUNAI ao Ministério da Justiça.
- e) Decisão do Ministério da Justiça.
- f) Homologação do resultado da demarcação mediante decreto da Presidência da República.
- g) Registro e documentação da demarcação da Terra Indígena.

Neste processo, a Tekoa Araça' I já possui o Decreto Municipal que desapropria parte da área ocupada. Também já passou pela demarcação de terra indígena através da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com base no artigo 231 da Constituição Federal, Portaria nº 14 do Ministério da Justiça e Segurança Pública de 08 de janeiro de 1996. Encontra-se em fase de estudos em vias de ser delimitada pela Funai.

Segundo o Indigenista da Funai, Ricardo de Campo Leinig, após a delimitação ainda serão necessárias: a) Declaração da Terra Indígena pelo Ministério de Justiça

e Segurança Pública; e b) homologação pela Presidência de República. Ricardo de Campo é um indigenista lotado no Serviço de Gestão Ambiental e Territorial (SEGAT), da Coordenação Regional do Litoral Sul (CRLS) Fundação Nacional do Índio - FUNAI. O indigenista Ricardo de Campo é doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, e graduado em Ciências Biológicas pelas Faculdades Integradas “Espíritas”, atuando na pesquisa e docência de políticas socioambientais e culturais. (Informação obtida através de entrevista com Ricardo de Campo Leinig, realizada em 18 de janeiro de 2023).

CAPÍTULO II

A TERRITORIALIZAÇÃO DA TEKOA ARAÇA'Í

A trajetória da territorialização da Tekoa Araça'í é longa e repleta de lutas e desafios. Uma parte da história de resistência dos povos Guarani Mbyá.

Se olharmos desde uma perspectiva histórica mais longa, os povos originários de Pindorama⁸ passaram por uma sequência de expulsões e genocídios na medida em que a colonização espanhola e portuguesa avançava. Os diversos povos indígenas foram arrancados de seus territórios, desterritorializados.

Os autores GARLET e ASSIS (2009) fazem um estudo sobre esse processo de desterritorialização em especial do povo Guarani Mbyá, a partir de registros e documentos históricos. Nesses materiais, observou que este povo tem origem onde hoje chamamos Paraguai. Os autores afirmam que o maior impacto no território Mbyá ocorreu a partir período da Guerra da Tríplice Aliança, entre os anos de 1865 e 1870. O controle das terras e formação de gigantescos latifúndios na região do Alto Paraná foram levando a essas expulsões, atingindo de maneira avassaladora o território Mbyá, que foram se deslocando para regiões onde hoje chamamos Paraná. (GARLET; ASSIS, 2009)

Estes autores continuam a análise de que para resistir o impacto sobre seu território originário, os Mbyá Guarani buscaram construir estratégias de resistência, e passaram a conceber seus territórios mais “abertos e descontínuos”. Ou seja, a partir da *guata* (suas andanças) vão redefinindo a concepção de seu território, onde frente às ameaças e tensões, a busca de novos lugares foi a forma de poder resistir. (GARLET; ASSIS, 2009).

Essas andanças, portanto, em busca de nova territorialização é parte de sua trajetória. Podemos perceber essa característica numa entrevista realizada com um dos indígenas anciões deste povo, que foi fundamental na história da Tekoa Araça'í.

Minha primeira entrevista foi com o senhor Marcolino da Silva, 67 anos, *Xamoi*, ou seja, líder espiritual, que trouxe um relato onde ele apresenta como conheceu

⁸ Pindorama: nome dado pelos povos Tupis Guaranis à Terra sem males. Também nome que se referia território que hoje chamamos Brasil.

Piraquara e de que forma se estabeleceram nesse município. É um longo depoimento, o qual dá destaque a seguir, tendo em vista seu significado histórico, e seu papel fundamental na territorialização da Tekoa Arça'í.

2.1 A chegada na terra Karuguá – Araça'í:

Sabe eu sempre quis proteger meu povo. Nós morávamos em Palmeirinha mas lá não estava me fazendo bem, as influências do mundo *Juruá*, (não indígenas) estavam chegando naquele espaço, como a bebida, crenças diferentes, meu povo estava esquecendo a Casa de Reza, isso não estava fazendo bem. Mas eu queria mudar aquela situação, e isso foi possível quando encontrei um grande amigo. (Entrevista com Marcolino da Silva, *Xamoi*, realizada em Abril 2019)

No ano de 1999, quarenta (40) indígenas entre adultos e crianças da Etnia Guarani Mbya foram trazidos da região de Palmeirinha/PR pelo senhor Jorge Roberto Carvalho Grandó.

O encontro entre seu Marcolino da Silva e Jorge Roberto Carvalho Grandó se deu através de uma apresentação do coral em Curitiba. Jorge ficou encantado com aquelas músicas, e muito sensibilizado com o relato do senhor Marcolino. Essa aproximação rendeu frutos bons para a comunidade. Jorge, comovido com a história de vida do senhor Marcolino, que se encontrava muito triste com a situação em que viviam os Guarani Mbyá naquela região, agravada com a perda de seu filho em um acidente de carro, Marcolino não queria mais viver ali. Foi então que Jorge o levou para conhecer Piraquara.

Inicialmente eles foram instalados numa chácara de propriedade de Jorge. Ficaram ali por alguns meses, mas seu Marcolino Silva, cacique da época não se habituou ao local pelo fato de ser muito próximo da cidade. Foram então conhecer outro lugar, que também não havia agradado, pois seu Marcolino achou improdutivo. Foi aí que Jorge Grandó “doou um pedaço de terra para a construção da Aldeia” até onde estão até os dias atuais. (Entrevista com Marcolino da Silva, *Xamoi*, realizada em Maio de 2018). Segundo o seu Marcolino da Silva as terras de doação era de propriedade de Jorge Roberto Carvalho Grandó totalizando 7 alqueires de terra, essa terra que foi doada para a comunidade. (Relato Marcolino da Silva, 2023)

A casa de reza a primeira casa a ser construída, casa de reza e o lugar mais sagrado por isso ela foi a primeira a ser construída.

Figura 05: Antiga Casa de Reza (construída em 2009)



Foto de Neuza da Silva (2015)

Figura 06: Casa de Reza Atual (construída em 2018)



Foto de Neuza da Silva (2023)

Após a construção da primeira Casa de Reza, em seguida a construção das casas para as famílias todas feitas de pau a pique, e construídas pela comunidade, parecia que tudo corria bem, quando foram surpreendidos pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP), um órgão do governo chamada de FORÇA VERDE, com a acusação que eles estariam em uma Área de Preservação Ambiental.

Eles não se intimidaram diante da situação. Por sua vez, Jorge que era Secretário de Meio Ambiente do município de Pinhais, usou sua influência para ajudar os indígenas com alimentos e roupas no processo de resistência nessa terra. Logo, as coisas foram melhorando. Nesse momento, a Tekoa se chamava Aldeia Karuguá, que significa arco-íris, pois eles apareciam muito na região.

Foi em 2007, com o Decreto Municipal de número 2941/2007, que veio o reconhecimento da área indígena. Nesse momento a Tekoa passou a se chamar ALDEIA ARAÇA'Í. Foi assim denominada, porque no local existem muitas árvores de araçá, e por esse motivo a comunidade escolheu novo nome.

A Comunidade Mbya Guarani da Tekoa Araça'í tem uma enorme gratidão ao senhor Jorge Roberto Carvalho Grando pela a sua ajuda com a comunidade. Para homenagear o *Karai Ruvixa*⁹, assim que era chamado na comunidade, no dia 22 de abril é feriado na comunidade uma forma de agradecimento a Jorge Roberto Carvalho Grando". (Entrevista com Marcolino da Silva, *Xamoi*, realizada em maio 2018)

Abaixo destacamos uma imagem desta importante referência para a comunidade indígena.

⁹ Nome indígena dado pelo Xamoi para José Roberto Grando. Significa Grande guerreiro.

Figura 07: Karai Ruxiva, Jorge Roberto Carvalho Grando



Fonte: CARRIEL; MILAN, 2011⁽¹⁰⁾

Infelizmente em 22 de abril de 2011 ocorreu uma tragédia envolvendo o Senhor Jorge Roberto Carvalho Grando. Ele foi assassinado junto a seu irmão e mais três pessoas numa chácara. Uma chacina. As vítimas estavam amarradas, e o laudo do legista apontou que Jorge havia sido espancado antes da morte. Até o momento atual, não houve uma conclusão dos motivos e mandantes do assassinato.

Atualmente, Laercio da Silva e o cacique, a escolha do cacique é de acordo com as regras da aldeia que se baseia na hereditariedade e nos votos da comunidade. A Tekoa tem vice - cacique e outras lideranças. O senhor Marcolino Silva, ancião, faz as curas espirituais. É chamado de *Xamoi*, anciões que tem muitasabedoria. Já, a senhora Natalina da Silva, *Xary I* é a responsável na aldeia por fazeros remédios medicinais, com toda sua sabedoria. Hoje, o coral, composto por crianças, adolescentes e adultos saem para fazer apresentações quando são convidados, sem nenhum custo.

A Tekoa Araçaí é um lugar cercado de mata nativa, localizada no entorno da barragem Piraquara I, município de Piraquara/PR, região metropolitana de Curitiba.

Entre a aldeia e a cidade de Piraquara há uma distância de 18 km em estrada de chão, e aproximadamente 10km de estrada feita de paralelepípedo.

¹⁰ CARRIEL, Paola; MILAN, Polliana. Chacina deixa 5 mortos em Piraquara. In: **Gazeta do Povo**. Online: *Gazetado Povo*, 23/04/2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/chacina-deixa-cinco-mortos-em-piraquara-8vi94jz8o87mxdcora8cpvnta/> Acesso em 24.10.2022

No território da Tekoa, os guarani Mbyá fazem algumas caças e pesca. A comunidade é muito reservada. Muitas de suas casas foram feitas pelos próprios indígenas, pois eles têm seu próprio jeito para construir, medir o tamanho da casa, e localização, assim como para onde que ficara direcionada a janela da casa. A maioria é feita de madeira, mas outras ainda seguem a tradição de construção com barro macerado e batido, uma técnica de construção conhecida como pau a pique. As casas possuem banheiro separado. Algumas têm acesso a energia elétrica. Todas têm água tratada que vem do Reservatório do Carvalho, chegando até a aldeia por tubulação, numa caixa d'água onde é tratada, e distribuída para aldeia. Cada casa possui duas (2) fossas, uma para banheiro e outra para água de chuveiro e pia.

Quanto aos meios de comunicação, atualmente são utilizados telefones celulares e TVs. Através dos celulares e pacotes de internet pré-pagos, os indígenas se comunicam com familiares distantes. Não há uma rede de internet na Aldeia. A escola possui uma rede de internet fornecida pela Secretaria de Educação do Paraná, mas é precária, pois muitas vezes ficamos sem ela por dias. Em relação ao transporte, somente algumas pessoas possuem carro. Quando é preciso se locomover eles chamam taxi, *uber* ou auxiliam no combustível para ir até a cidade, outros lugares. Não há ônibus que chegue até a aldeia.

Na Tekoa Araçáí também foi construído um Posto de Saúde, onde alguns moradores trabalham. Sobre o tema da saúde indígena, detalharemos melhor em capítulo posterior.

Atualmente, as principais atividades de lazer são: futebol, e caminhadas pela mata, muitos ainda mantêm como parte do modo de vida, a caça e a pesca.

É importante também destacar a construção da Escola Indígena como parte do processo de territorialização da Tekoa Araçáí. Nela, trabalham alguns de seus moradores como professores. Com relação à Escola, detalharemos melhor em capítulo posterior.

2.2. A Cultura e o Artesanato na Tekoa Araçáí: Teko Nhemoxankã (Luz da Resistência)

O Artesanato é a principal fonte de renda da Tekoa Araçáí. Embora isso não signifique que sejam apenas objetos para a venda e captação de recurso. O artesanato é muito mais que isso.

O artesanato Guarani é de suma importância para essa etnia. Produzem

cestarias, colares, correntes e bichinhos feitos de madeira. Buscamos neste capítulo demonstrar como é feito o artesanato, em especial cestaria, levando em consideração o tempo guarani.

Figura 08: Artesanato Guarani Mbyá



Foto de Neuza da Silva (2017)

Os artesanatos são produzidos principalmente pelos mais velhos da aldeia. São eles os responsáveis por transmitir os saberes Guarani através do grafismo presente nas cestarias.

2.2.1 As Cestarias e seus Trançados

Para fazer os cestos, as *Xajary I* (avós) precisam de um ambiente calmo, onde possam fazer um círculo tomar chimarrão e se reunir para fazer o artesanato, pois não é realizado apenas para a produção de um objeto, mas principalmente para reforçar a coletividade do grupo, e garantir a busca do “bom caminhar” pelo modo de ser *Guarani Mbya*.

Os saberes sobre as técnicas e os materiais artesanais, são trocados através da oralidade durante a confecção dos cestos, esculturas e outros materiais. Tirando da natureza a matéria prima para sua confecção, o Guarani têm seus rituais para fazer os cestos. A taquara, por exemplo, só pode ser colhida na lua minguante. Isso é feito pelos homens. Depois é cortada em tiras finas e colocada para secar. Em seguida

vem o tingimento. Antigamente usava mais o preto para fazer os desenhos, mas também é feito de forma natural com cera de abelha e brasa.

A cestaria é feita de vários tamanhos e para muitas funções as mulheres são responsáveis pela confecção. Elas fazem um círculo, e tomando chimarrão, fazem ali seu artesanato. Os cestos grandes com tampa servem para guardar suas vestimentas, os grandes sem tampa e com alça servem para trazer o milho, a batata doce, amendoim e o aipim da roça. Servem também para guardar o milho debulhado para levar para o pilão. Os cestos baixos servem para trazer o peixe ou caça menor. Os balaies menores para guardar sementes, colares, linhas, agulhas e cachimbo. Estes são os mais importantes para o uso a partir de sua cultural. Os outros são para comercialização.

Como as várias sociedades indígenas, o Guarani tem um modo de expressão na cestaria. A *adjaká* Guarani (cesto) é imprescindível inclusive nos rituais de batismo, quando o pão de *mbojapé* (milho) feito para essa situação é colocado no *adjaká* e fica durante 24 horas na *OPY* (casa de reza), local mais sagrado da aldeia. O *Pyregua* (pajé), ao chamar as crianças que vão receber o nome, retoma a cesta que proporcionará alimento para o espírito e para o nome ser bem-cuidado e recebido. *Oadjaká* leva o alimento para o espírito e assim, deve ser respeitada como uma peça sagrada. (OLIVEIRA; SILVA. 2004)

O processo de trabalho da cestaria inicia com a retirada da taquara e a raspagem da casca. Para cortar as tiras uniformes quanto à largura e espessura, exige uma precisão nos movimentos. Para descortinar a taquara, as mulheres guaranis usam as mãos, uma faca, os pés, e por vezes a boca. Depois, as tiras são tingidas com cores fortes como o vermelho, verde, amarelo. São usadas tinta natural, junto a cera de abelha e brasa. Assim que secas ao sol, as tiras ficam prontas para o trançado. Relato de dona Jurema da Silva (2019).

Figura 09. Adjaká produzido por Dona Jurema da Silva



Foto de Neuza da Silva (2019)

Com relação ao significado dos trançados, é possível perceber que existem vários tipos de tranças. Segundo o relato de Dona Jurema da Silva, uma delas é a *IPARARYXY* que significa o caminho que os guaranis fazem quando chegam em uma aldeia, quando vão visitar parentes, ou quando mudam de aldeia e as pessoas que vão receber ficam em fila, um atrás do outro.

O trançado *IPAKORA* significa o círculo das reuniões, das conversas, quando se conta histórias e toma chimarrão. “Sempre a gente fica em círculo” nos conta dona Jurema

Dona Jurema da Silva, *NHEMBIAPO VA'E* (artesã), com 67 anos e moradora na Tekoa, desde o início ensinava para as crianças. Com sua habilidade na construção dos *adjaká* (cesto), ela conta que para isso “é preciso sabedoria e habilidade”, e que “para fazer *adjaká* é preciso seguir alguns rituais”. Ela relata que em primeiro lugar é necessário fazer a colheita do bambu, e para isso tem a lua certa. (Entrevista realizada com Dona Jurema da Silva, *Nhembiapo*, realizada em Maio de 2019).

Dona Jurema descreve abaixo como deve se iniciar a preparação para fazer *adjaká*:

OMOMBE'U WARAI RÃ JAJAYARÃ TAKUA HÁ'EVEA'I RAMI TUVIXA'I
VA'EHÁ'E YVY KYRI' I VA'ETAVY HÁ ERAMI AE AVI JAEXARÃ HÁ' EVEA
'IRAMIAGUÃ IPYA VA'E TYRÃPA IPYAE' YVA'E RÃ HÁ'ERAMIAE AVI,
HÁ'EGUINHAMOU AGUÃ MA HÁ' EVE MBOA PY, ÁRA RIRETEI HÁ'EVE
NHAMOU MAVOI TARAMO HÁ'EVEAVI NHANHO PI VA'E KUE HE'ITA'VY

(Entrevista realizada com Dona Jurema da Silva, em Maio 2019).¹¹

A seguir apresentamos algumas fotos do processo do trançado na Tekoa Araçáí.

Figura 10 – Início do Trançado



Foto de Neuza da Silva (2019)

Figura 11 – Trançado do Cesto Guarani






Foto de Neuza da Silva (2019)

Abaixo apresentamos um quadro síntese sobre o processo de preparação do adjaká (cestos).

¹¹ TRADUÇÃO: Para fazer balaio, primeiro corta taquara em medida certa dependendo do tamanho quase sempre uma medida do chão. E a taquara tem que ser meio nova, para pintar com o carvão, e deixar no mínimo três dias secando. (Entrevista realizada com Dona Jurema da Silva, em maio 2019).

Quadro 01 - Síntese sobre a Preparação do ADJAKÁ na Tekoa Araçá'i

Passos	Fotos do Processo	Descrição do Processo
EXTRAÇÃO DA TAQUARA		<p>A extração ou corte da taquara é feita sempre na lua nova. O corte geralmente é feito pelos homens. Segue regras da natureza. Não pode cortar taquaras muito pequenas.</p>
PREPARAÇÃO TAQUARA		<p>A preparação pode ser feita tanto pelos homens ou mulheres. Precisa de uns 3 ou mais dias para secar a taquara, para sair toda água que contem nela</p>
CORTE DAS LASCAS		<p>Dona Jurema fazendo as tiras da taquara. Após fazer tiras da taquara, ela é raspada com uma faca até ficar fina. Mas, se quiser um cesto mais resistente a taquara é deixada mais grossa.</p>

TINGIMENTO		<p>Para fazer o tingimento, pega a taquara, raspa uma parte, esquenta e passa cera de abelha para ficar com a cor natural. Para ficar preta, passa a cera na taquara e brasa em cima. O tingimento é feito em trabalho coletivo, todos podem participar.</p>
TRANÇADO		<p>O trançado que dá origem aos cestos guaranis foi ensinado por <i>NHANDERU</i>, para que pudéssemos carregar as sementes de milho sagrado para serem plantados na roça ou para guardarem o pão sagrado feito de milho depoimento de Jurema da Silva em maio 2019. Existe um significado para cada tipo de trança. Uma delas é o <i>ipararyxy</i> que significa o caminho que os guaranis fazem quando chegam em uma aldeia, quando vão visitar parentes, ou mudam de aldeia. O <i>IPAKORA</i> é o círculo das reuniões, das conversas, quando se conta histórias e toma chimarrão.</p>
GRAFISMO		<p>Os grafismos são desenhos feitos nos <i>Adjakás</i> (cestarias Guarani Mbya), mas também nos corpos. Cada grafismo tem um significado.</p>

Fonte: Quadro Organizado por Neuza da Silva (2021)

Traçar é um ato solitário, ainda que sempre cercado de crianças que exigem atenção, paciência e dedicação. As técnicas de trançado na cestaria Guarani criam vários motivos geométricos, cada um deles com um significado simbólico diferente. Um dos padrões geométricos tradicionais é o *ypará korá*, que representa o desenho das costas de uma cobra (*ypará jaxá*), e que dá ideia de um movimento infinito. O *ypará ixy*, representa o caminho da cobra. No levantamento do acervo Guarani,

realizado pela equipe do Pró-Índio, no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP), registrou-se mais de dez formas geométricas diferentes realizadas na cestaria. (OLIVEIRA; SILVA, 2004)

Figura 12 – Dona Jurema da Silva trançando



Foto de Neuza da Silva (2019)

Para a Dona Jurema, a cultura Guarani deve ser passada para as crianças e jovens da Tekoa, assim “nossos costumes jamais serão esquecidos”. (Entrevista realizada com Dona Jurema da Silva, em Maio de 2019)

2.2.2 Grafismos nas Cestarias e no Corpo

Na página “História e Cultura Guarani”, encontramos um artigo denominado “A caminhada Guarani Mbyá e os Significados dos Desenhos nas Cestarias”¹², que nos explica que o grafismo tem representações simbólicas vinculadas diretamente com a natureza e com a sua visão de sagrado. Por exemplo, as cestas feitas com taquara recebem trançados com desenhos geométricos que são tingidos por cores mais escuras a partir do cipó Imbé, e as mais claras como amarelo e vermelho são obtidas com o tingimento a partir de tintas naturais.

¹² Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/artesanato/artesanato-e-territorialidade/a-caminhada-guarani-mbya-e-os-significados-dos-desenhos-nas-cestarias/> Acesso em 22 de janeiro de 2023.

Através dos grafismos presentes nos artesanatos, nós Guarani valorizamos historicamente e culturalmente a memória de nossos ancestrais e, assim, preservamos à nossa maneira de ser e de viver, mantendo viva a nossa tradição. [...] Para fazer isso, nós Guarani com certeza observamos muito bem os animais. Por isso que tudo o que fazemos tem uma relação com *Nhanderu* (Deus nosso Pai Maior) e com a natureza. Também tem tudo a ver com o espírito cosmológico. Cada um dos grafismos e desenhos têm um significado que está relacionado com a simbologia, à mitologia e o sistema Guarani. Um tipo de grafismo desenhado na cestaria significa: o caminho que os Guarani percorrem quando mudam-se de uma aldeia para outra ou visitam os parentes na outra aldeia (SILVA, 2015, p. 10 *apud* HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, *online*, “s.d.” a).

A citação acima demonstra um detalhamento maior a respeito da relação entre a simbologia e seus significados com o pensamento, a cultura e o modo de vida do povo Mbyá Guarani.

2.2.3 Petygua

O Petygua Mbya Guarani é usado há muito tempo, principalmente na casa de reza nas celebrações, para pedir ajuda a Nhanderu. Conforme relata um entrevistado “O cachimbo foi feito por nós Guarani. Até hoje usamos para nos expressar e rezar para Nhanderu”. (Entrevista Marcolino Silva realizada em julho 2019)

Na cultura Mbyá guarani, os pajés são os mais sábios. Eles usam o *petygua* na *Opy* (casa de reza) para orientar as crianças, os jovens, homens e mulheres. São os mais velhos que pedem para passar a fumaça do cachimbo. “Para nós a fumaça é sagrada, pedimos para ser passada a fumaça quando não nós sentimos bem. Através do PETYNGUA (cachimbo) vem nosso conhecimento nossa força”. (Entrevista com Marcolino Silva, Pajé, realizada em julho 2019)

Figura 13 - Petyngua



Foto de Neuza da Silva (2018)

O *petynguá* é feito de madeira ou do nó de pinho. O líder espiritual usa na casa

de reza (*Opy*). No *petynguá*, também tem desenhos que representa os animais, como: a borboleta, os pássaros, a onça, a tartaruga, o peixe.

O *petyguá* é um objeto sagrado para nós guarani. Através dele, nos concentramos para comunicar-se com *Nhe'e* (Alma-Palavra). No *Petynguá* utilizamos fumos de corda que produz o *TATAXINA* (fumaça sagrada). Ela é a manifestação da divindade através do *Karai*. Possibilita, por meio da concentração, a conexão com o Divino, a nós e seres imperfeitos. O *TATAXINA*, por meio de momentos cerimoniais nos dá condições do estado do universo em todos os aspectos. Pois ele é utilizado para curar doenças espirituais, nos rituais da colheita, nas cerimônias e quando o *Karai* vai dar nome à uma criança e também quando as pessoas procuram o *Karai*. (SILVA, 2015, p. 13 *apud* HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, *online*, “s.d.”).

O *Petynguá* e o *Karai* são elementos fundamentais dentro de uma aldeia. É através desses dois elementos é possível ter um contato direto com *Nhanderu* (DEUS). Como afirma Darcy, professor mbya guarani do estado do Rio de Janeiro, “Acreditamos que a fumaça que sai do cachimbo, se transforma em nuvem do céu.” (SILVA, 2015, p. 13 *apud* HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, *online*, “s.d.”).

2.2.4 Colares (Mbo'ý) e Pulseiras

Os indígenas Mbyá Guaranis também produzem pulseiras e colares. Os colares, chamados de mbo'ý são feitos com sementes, pedras, miçangas ou madeira talhada, têm a função de proteção e fortalecimento, ou ainda relação com as moradas espirituais.

Os colares são produzidos por mulheres a partir de sementes e miçangas. Os colares feitos a partir das sementes são utilizados para distinguir os grupos e povos indígenas, e carregam o significado da proteção e do fortalecimento do espírito. Neste sentido, as sementes são elementos da natureza que simbolizam o sagrado para o povo Guarani. (SILVA, 2015, p. 16-17 *apud* HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, *online*, “s.d.”).

O relato abaixo detalha o significado das sementes presentes nos colares para o povo Mbyá Guarani.

Os colares feitos de sementes, são elementos sagrados e é tradicional Guarani. Alguns são consagrados pelos *Karai*. [...] Então esse é dado para a pessoa que vai viajar e visitar seus parentes longe da aldeia. Esse colar vai proteger a pessoa durante a viagem para que nada de mal lhe aconteça. (SILVA, 2015, p. 17 *apud* HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, *online*, “s.d.”).

Outro relato importante, coletado em entrevista com uma indígena Mbyá Guarani que reside no território Araçá'í, destaca este mesmo sentido na relação entre a simbologia e os elementos da natureza. Vejamos abaixo:

As sementes escolhidas para fazer os colares e outros tem o significado da proteção. Cada semente tem uma simbologia. Por exemplo, um colar feito com a semente do kapi' l' (a semente do rosário), serve para proteção, do corpo e espiritualidade, protegem o corpo e a mente contra energias negativas. (Entrevista realizada com Neiva Gabriel Fernandes em 18 de janeiro de 2023)

Jucelina, outra indígena residente no território Araçá'í, indica em seu relato a diferença entre os colares de sementes feitos para o próprio povo e os colares feitos para os juruás, os sentidos diferentes e como funciona seu significado de proteção. Observemos seu relato:

Tem sementes que é para proteção pra nós, no caso a gente usa, mas tem que usar sempre. Não pode tirar de onde você usa seja brinco, a pulseira ou colar, serve de proteção. Aí quando “vocês” juruás, compram, acham bonito. Tem colar com sementes que não são para proteção, mas também agente vende colar que são para proteção, mas aí a gente tem que fazer um ritual o Pajé fumaceiam o calar. O juruá deve ter muita confiança e muita crença. A maioria compra e usa um tempo e logo deixam num canto e aí não serve como proteção. Quando comprar se vão usar realmente e ter sempre em vocês aí protege. (Entrevista realizada com Jucelina Verissimo em 2019)

Jucelina afirma que não é complicado a confecção de colares, brincos e pulseiras, é só se concentrar e fazer. Ela relata que:

Nós Guarani reunimos as mulheres e crianças, fazemos uma roda, colocamos um pano no chão e ali cantamos tomamos o chimarrão e fazemos nosso artesanato. Brinco, pulseira, enfeite, e às vezes para proteção. Quando são sementes da mata é proteção. Também usamos missangas coloridas, fio 10, ou fio encerado e linha de nylon. Tempo para realização é de 3 horas para confeccionar colar e pulseiras que ficam bem bonitos e coloridos. Temos habilidade de olhar desenho, como flor, símbolos e confeccionar os colares e pulseira. (Entrevista realizada com Jucelina Verissimo, 2019)

De acordo com o relato acima, é possível observar que fazer o artesanato é um ato comunitário, cultural, que envolve inclusive as crianças vivenciam todo o processo. Ela descreve também o material e o tempo médio para a confecção de pulseiras e colares.

FIGURA 14 - Confeção de colares e pulseiras



Fotos de Neuza da Silva (2019)

FIGURA 15 - Colares Produzidos



Foto de Neuza da Silva (2019)

As fotografias acima estão relacionadas ao relato de Neiva Gabriel Fernandes, professora e moradora da Tekoa Araça'l, artesã. Ela faz colares desde sua infância. Aprendeu com sua avó, e gosta de repassar esse conhecimento para os mais jovens. Os trabalhos expostos acima foram realizados em uma oficina realizada pelos estudantes da Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná em maio de 2019.

2.2.5 Arco e Flecha

O arco e flecha são feitos para caça e pesca, Silvio de Quadro relata que ele gosta muito de caçar, mas que hoje aqui na Tekoa não utilizamos mais essa prática para pescar ou caçar, fazemos arco e flecha para expor, para compra. Aqui na Araça'l mantemos o costume de caça e pesca não tão forte como antigamente, mas passamos os saberes para nossos filhos.

FIGURA 16 – Produção de Arco Flecha



Foto de Adriana Justi (13)

A foto acima, retirada de uma reportagem jornalística, conforme referenciada em nota de rodapé, mostra um indígena produzindo arco e flecha junto a uma capivara, bem próximo às casas. Também demonstra os artesanatos prontos.

2.2.6 Esculturas em Madeira

No relato de Silvio de Quadro, artesão, ele nos explica que as esculturas são feitas em madeira e queimadas com ferro aquecido em brasa.

Chamadas de “bichinhos”, antigamente não era material de venda, era representação dos seres vivos. Os animais esculpidos representam uma espécie parece *jaguá* (feroz), torna-se um símbolo guerreiro. As esculturas são geralmente feitas pelos homens, mas as mulheres da Tekoa já confeccionam esse artesanato.

Em relação às esculturas de madeira (bichinhos de madeira), alguns são feitos para terem em casa, mas a maioria é feito para a comercialização aqui na Tekoa, o homem busca a madeira, corta e faz. Para fazer os bichinhos primeiro se marca o formato do bichinho, cortar mais ou menos o tamanho e como vai ser deitado, ou em pé ou sentado e depois disso que você pega a faquinha e vai esculpindo até que fica bem o formato da onça, tigre ou outro qualquer bichinho. Depois deixar secar bem, e depois que estiver esculpido levar para ser queimado com ferro, ou arame bem quente. (Entrevista realizada com Silvio de Quadro em 2019)

Como afirma Silvio de Quadro, quem faz estas esculturas são as pessoas que

¹³ Fonte: JUSTI, Adriana. Aldeia no Paraná preserva tradições e mantém rituais dos antepassados. In: **G1 – Paraná**. 17/04/2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/04/aldeia-no-parana-preserva-tradicoes-e-mantem-rituais-dos-antepassados.html> Acesso em 09.01.23

tem mais práticas, mas tem crianças que estão aprendendo a fazer. As pessoas mais velhas ensinam, ficando junto com as crianças pelo perigo do uso da faca e do ferro quente para queimar e pintar.

Em relação às esculturas de madeira (bichinhos de madeira), alguns são feitos para ter em casa, mas a maioria é feito para a comercialização. Se faz artesanato na madeira de todos os tipos de animais que se vê na mata. Esse artesanato é uma tarefa feita predominantemente pelos homens. Eles fazem todo o processo de coleta da madeira, do corte e do fazer propriamente dito. Para fazer os bichinhos primeiro se marca o formato do bichinho. Se for uma onça que você vai fazer, corta-se o tamanho certo com um facão. Como apresenta o indígena Silvio de Quadro:

[...] cortar mais ou menos o tamanho e como vai ser deitado, de pé ou sentado e depois disso que você pega a faquinha e vai esculpindo até que fica bem o formato da onça, tigre ou outro qualquer bichinho. Depois deixa ele secar bem depois que estiver esculpido depois leva tem que ter ferro para aquecer depois para queima. (Entrevista realizada com Silvio de Quadro em 2019)

Como afirma Silvio de Quadro, quem faz estas esculturas são as pessoas que tem mais práticas, mas tem crianças que estão aprendendo a fazer. As pessoas mais velhas ensinam, ficando junto com as crianças pelo perigo do uso da faca e do ferro quente para queimar e pintar. Muitas vezes o próprio adulto faz um inicial para a criança ir fazendo uma cópia e ir aprendendo com facilidade. Adélio da Silva com seus 30 anos, morador na Tekoa diz que aprendeu quando criança a arte de fazer escultura em madeira.

Figura 17: *Xivi Ra* (Onça) confeccionado pelo artesão Silvio de Quadro



Foto de Silvio de Quadro, 2019.

Figura 18 - Relato do indígena Silvio de Quadro

Artesanato Guorani Mbya,
nossa cultura mbya Silvio de Quadro

Madeira leiteira ou lacaeta
A madeira leiteira tem duas tipos para fazer bichinhos, uma que é mais branquinha e uma que madeira meio amarela que é mais dura. Portanto na aldeia Guacari se usam ^{mais} duas madeiras leiteiras; porque a lacaeta não se encontram neste território.

~~As madeiras homem~~
Ferramentas: Serra, Saco, Saquinhas ~~proprio para~~ ~~madeira~~ específicas para uso de madeira e lixa.

Artes de madeiras
Podemos fazer animais como: Tatu, Quati, Macaco Capivara, Onça, Pica, Cutia, Leão, entre outros. dependendo de cada habilidade ~~de pessoa~~ ~~de~~ da pessoa ~~estamos~~ ~~para~~ tanto os homens e mulheres.

Para ficar pintado usamos ferro velho, coloca do fogo até ficar vermelho coloca uma brasa depois se encosta na madeira pra ficar com a machimba pretas.

Tempo de preparo do artesanato
lua Minguante

Na lua Minguante pegamos madeira, depois é cortado pra preparação de bichinhos com varios tamanhos. ~~Por exemplo~~ ~~alguns~~ Alguns bichinhos Demora três dias e alguns 1. ou 2 dias. sem contar a parte de pintar os bichinhos.

Foto de Silvio de Quadro (2022)

A imagem acima é a foto de um relato escrito à mão por Silvio de Quadro sobre

o tipo e o tempo de preparo da madeira, sobre as ferramentas, e, o tempo e forma de confecção destes “bichinhos”.

2.2.7 Chocalho

O Chocalho é feito de Porongo. É um instrumento musical também que acompanha o violão. O chocalho também é queimado com riscos ou desenhos de animais até mesmo sol, folhas, árvores. Também se usa a pena de aves para decorar o chocalho. Dentro do porongo se coloca pedrinhas pequenas para que fique sonoro e possa ser usado junto às cantorias e rituais. Este é um instrumento do homem e a mulher ajuda a confeccionar. O instrumento chocalho é utilizado pelos homens, em cerimônias na casa de reza.

2.2.8 O Coral

Como parte da Cultura *Guarani Mbyá*, a Tekoa mantém um coral composto por crianças e jovens da comunidade. Eles são convidados pra fazer apresentações em diversos locais e eventos para cantar músicas MBYA GUARANI.

Para Neiva Gabriel, integrante da Terra Indígena Araçáí, “O coral tem importância para Tekoa através de suas apresentações levando seus cantos para que as pessoas tenham conhecimento da nossa cultura e a crença Guarani” (Entrevista realizada com Neiva Gabriel em 18 de janeiro de 2023).

Ela também afirma que:

As canções falam do fortalecimento da vida e do universo, cada canção tem seu significado, elas falam da natureza e junto com os cantos, a dança está presente com seus gestos, para cada Deus (Deus Tupã, Karai, Jakaira), os cantos são específicos para cada aldeia, cada uma tem seus próprios cantos. Os cantos são acompanhados com o violino, violão e chocalho e são os homens que tocam as mulheres acompanham com a dança e batendo a taquara no chão. (Entrevista realizada com Neiva Gabriel em 18 de janeiro de 2023)

Por um tempo tivemos o grupo Nação Guarani do Rap, composto por jovens indígenas da tekoa. Apesar de não fazer parte de nossa cultura, ele passa através das letras a realidade do povo indígena. Atualmente o grupo não está mais fazendo apresentações.

2.3 Calendário Mbya Guarani e o Sistema de Plantio

Segundo os relatos do Xamoi Marcolino da Silva e da Xary I Natalina da Silva, coletados através de entrevistas realizadas no mês junho de 2019, e, através de entrevista com Silvio de Quadro realizada em janeiro de 2023, os MBYA GUARANI têm sua maneira própria de vida e marcar passagem do tempo. Esta forma está relacionada com a agricultura e com os fenômenos naturais como a chuva, frio e as estações do ano. A partir de sua cultura e sabedoria, os Xaramõi (anciões da aldeia) orientam sobre o sol, as luas, e o tempo certo para o plantio, pesca e caça, sempre com o cuidado com a terra e a colheita. Para os MBYA GUARANI os meses e as semanas são marcados pelas luas e pelo sol, e, as estações do ano entre Arayma (tempo velho) e Arapyau (tempo novo).

O calendário Guarani está dividido em quatro tempos: arapyau, arambyte, araguyje e arayma. Abaixo indicamos os meses que correspondem a cada estação do ano Guarani, conforme (HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, “s.d” b)

- a) *Ara ymã*: Ano velho
- b) *Yro'ya*: inverno
- c) *Ara pyau*: Ano novo
- d) *Kuaray aku*: verão

O ano começa em *Ara pyau*, tempo que se inicia o ciclo de todas as vidas na terra. *Ara pyau* é muito visível na natureza, é o tempo novo. As plantas começam a florir, as aves põem seus ovos, os animais se acasalam e o homem entra num processo ritual de consagração. O calendário de plantio guarani se inicia em agosto: *ara pyau*, o tempo novo, o ano novo, a preparação do solo.

Em *arambyte*, enquanto as plantas crescem a aldeia toda se mobiliza para a próxima etapa, o tempo da colheita. No *araguyje*, tempo de colheita, momento de consagração na Terra, o Sol fica muito próximo da terra. Esse é o tempo em que Nhanderu abre a porta do *Opy Maraé ý*. Tudo que é produzido nesse momento na terra é consagrado por ele, principalmente os alimentos.

Araymã, é o tempo de recolhimento, quando o sol se afasta da terra. É o momento em que *Nhanderu* fecha a porta do seu *opy*, todos os seres se recolhem e ficam mais quietos e parados. Na Terra, tudo fica mais silencioso e escuro. Nesse tempo, os espíritos maus se aproximam e ficam rodando tudo. É esse o período em

que acontecem muitas doenças e enfermidades, por isso é uma época em que utilizamos bastante as ervas medicinais.

Quanto ao ciclo de caça podemos afirmar que nos meses de abril, maio, junho e julho é tempo de caça. No mês de agosto quando se inicia *Arapyau*, as aves põem seus ovos e os animais se acasalam.

Quanto ao ciclo de plantio, em *Arapyau* começa a preparação do solo para o plantio e em setembro começa a plantação, até novembro. Em dezembro é a primeira colheita, em janeiro a segunda e também quando se separam as sementes para o segundo plantio que vem em fevereiro. E em março é o tempo específico para o plantio da batata doce. Na época de agosto-setembro, quando chega o *Arapyau*, todos os ramos e sementes são plantados.

As fases a lua também são muito importantes na agricultura, pois afetam o crescimento das plantas. Para a cultura Mbyá Guarani, as fases da lua são denominadas da seguinte forma: *Jaxy ra'y* (lua nova); *Jaxy inhepytun* (lua minguante); *Jaxy ijeyvate* (lua crescente); *Jaxy ova guaxu* (lua cheia). As sementes e ramos são plantadas no *jaxy inhepytun* (na lua minguante), pois acredita-se que quando são plantadas em *jaxyra'y* (lua nova) as plantações são atacadas pelas pragas ou simplesmente não crescem. O plantio da mandioca é diferente, não se pode plantar no *jaxy inhepytun* (lua minguante), é plantada no comecinho da lua nova (KARAI TATA ENDY, 2014;)

2.4 As Tradições e Celebrações

A cultura MBYA GUARANI está sempre ligada a casa de reza (OPY). Ao entardecer eles se reúnem, cantam, dançam fumam o petyngua (cachimbo), ouvem os conselhos do XAMOIN e principalmente agradecem a NHANDERU (Deus). O PETYNGUA é considerado muito sagrado, por isso utilizado nas casas de reza, porém, os Mbyá Guarani também têm o hábito de fumá-lo no dia a dia da comunidade. Na casa de reza, também são feitas as celebrações da Tekoa.

As imagens da antiga casa de reza, a primeira construída em 2009, e a atual, construída em 2018, já foram destacadas anteriormente neste trabalho.

O Guarani Mbya vive em suas terras através de várias formas de organizar o trabalho e as atividades dentro das aldeias. Eles não percebem a realidade como um conjunto de coisas separadas: para eles, tudo está ligado, em harmonia, e eles precisam respeitar e se adequar à sintonia do todo. Por isso, existe

o *Nhandereko* (sistema cultural Guarani Mbya), que faz com que os Guarani Mbya vivam conforme um conjunto de regras, valores e práticas que estejam dentro da harmonia do universo. Seguir o *Nhandereko* significa seguir o *Mbya Reko* (modo de ser Guarani Mbya).

As *Opys* geralmente são construídas devido ao chamado dos deuses, os *Nhanderús*, que se comunicam através das lideranças espirituais, os *karaí*. As lideranças se comunicam com os deuses através da interpretação de suas manifestações na natureza e em seus sonhos. A inauguração de uma *Opy* é um grande acontecimento, e significa que o Guarani Mbya estão fortalecendo os laços com os deuses e com seus ancestrais, buscando manter a mesma caminhada através do *mbya reko* (modo de ser Guarani Mbya). É na *Opy* que os Guarani aprendem suas funções na aldeia, não apenas no sentido econômico, mas principalmente, espiritual. (HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, “s.d.” c)

A partir de entrevistas realizadas em setembro de 2018 com o Xaramoi Marcolino da Silva e com a Xar’y I Natalina da Silva, a *OPY* é o lugar mais sagrado para Tekoa Araça’I. Toda noite a comunidade se reúne para cantar, rezar, aconselhar os jovens e crianças. É também o espaço onde acontecem as celebrações e também os velórios.

A seguir descrevemos abaixo uma série de celebrações realizadas pela Tekoa Araça’i. Em respeito à comunidade, apenas não relatamos aqui os detalhes sobre a celebração na perda de entes queridos.

2.4.1 Celebração KA’ A’I (ERVA –MATE)

O ritual do Ka’á é um ritual Guarani mais expressivo. Este ritual é realizado na primavera, ou quando os pajés sentirem a necessidade da sua realização. É realizado em duas partes, sendo que a primeira tem uma característica predominantemente masculina. Logo que amanhece um grupo de guerreiros, Xondaro saem em direção à mata em busca do Ka’á, que é a erva mate. A erva-mate que os gaúchos tomam e setornou parte da tradição do Rio Grande do Sul, e também de outros países, se deve a contribuição cultural do povo Guarani.

O grupo de homens busca então as árvores que tem grande dimensão para a colheita de ramos do Ka’á. Escolhem os ramos que estão bem no alto das árvores, estes ramos que são escolhidos são os que recebem os primeiros raios de sol do dia que se inicia. Depois de subir nas árvores e fazer a coleta dos ramos estes são

amarrados com fitas de bambu colhidos na mata e são transportados para o pátio da Tekoa, próximo da Opy. Chegando à aldeia, é acesa uma fogueira de médio porte e então os galhos são aproximados do fogo para dar uma sapecada de leve nas folhas do Ka'á.

Depois desta operação se inicia o enfeixamento. São feitos pequenos feixes com galhos menores dos que foram coletados e amarrados com fitas extraídas de bambu. Cada pessoa faz seus feixes que são levados para o interior da Opy. Ali se aguarda a ordem do Pajé para dar continuidade ao ritual. É esperado um tempo até que o sol esteja a pino, ao meio dia. Cada homem pega os seus feixes nas costas e em fila, um atrás do outro e dão três voltas em torno da Opy. Nesta fase do ritual pode-se ou não fazer a caminhada fumando o Petyguá. Depois de fazer a caminhada das três voltas em torno da Opy entram todos os que estão carregando os feixes e em fila, enquanto o pajé começa a realização de cantos.

As mulheres tem um papel importante para a cerimônia. O trabalho delas é coletivo na organização da casa de reza. Elas são responsáveis pela limpeza, e pela *tmbi'v* (comida).

2.4.2 Celebração NHEMONGARAI

O relato do Senhor Marcolino Silva indica que a celebração Nhemongaraí tem fundamental importância. Para ele é a celebração mais sagrada dos Guaranis.

O Nhemongaraí, também chamado de batismo do milho, é considerado o ritual mais importante na cultura Mbyá, ou ao menos é o que perdura com maior força, pois reúne comunidades MBYA GUARANI de outros estados. Várias aldeias se encontram para a celebração que ocorre simultaneamente ao tempo da coleta de frutos, sementes e mel, assim como ao tempo da produção de alimentos e bebidas.

A celebração se realiza ao final da estação arapyau (ano novo) correspondente aos meses de dezembro e janeiro, “na época do natal Juruá kuery”, (eles) como expressam os Mbyá. Nesta cerimônia celebra-se a primeira colheita obtida de todos os produtos cultivados e a maturação dos frutos tanto da selva como das roças. As sementes de milho a serem semeadas são benzidas ou purificadas por meio do fumo. Também ocorre um momento importante onde o XAMOI dá o nome em MBYA GUARANI para as crianças com mais de seis meses. O batizado NHEMONGARAI, acontece no final de janeiro e tem objetivo de atribuir nomes MBYA GUARANI como consagração de quem possui ou para os que precisam mudar o nome.

2.4.3 Celebração ARAPOTY

O relato de Neiva Gabriel Fernandes indica outra celebração (Arapoty) que indica o período da primavera. Conforme seu depoimento, Arapoty ou arapyau, que significa literalmente “tempo florido” ou “tempo novo” respectivamente, correspondente aos meses de setembro a dezembro no nosso calendário, onde ocorre a coleta do mel.

É a época de maior floração em todo território que os Mbyá compreendem como “seu território”. É tipicamente associada ao reflorescimento da flora e da fauna terrestres e ao desabrochar das flores. Neste período, o dia e noite passam a ter a mesma duração, e, a cada dia que passa, o dia aumenta e a noite vai encurtando.

Os Guarani dizem que os pássaros sagrados, *Guyra Marangatu*, que se deslocam anualmente para o *Guyra Ru Ete Amba* (paraíso dos pássaros) nos fins de outono, regressam na primavera: “Eles vêm para cantar e alegrar a vida do Guarani”. Reconhecem como espécies de aves da fauna Guarani: a URU’I (saracura), o CURURU (a maritaca, o papagaio, coruja), o TUKÃ (tucano), etc.

A floração é a época de maior atividade para as abelhas e vespas que nesta época recolhem pólen e néctar para elaboração do mel. Também é a época em que os Mbyá preparam e semeiam suas roças. Da mesma forma, o período de coleta do mel pelos homens corresponde ao período de colheita nas hortas realizada pelas mulheres, havendo assim uma correspondência entre o mel e os produtos da horta. Dentro da cultura Mbyá, o mel é colocado no reino vegetal. Relato (Neiva Gabriel Fernandes, 2019)

2.4.4 Celebração XONDÁRO JEROKY: Dança do XONDARO

Xondaro é um ritual de dança tradicional realizada pelos homens Guarani no final da tarde. É uma preparação, um aquecimento para o MBORAHEI (canto-reza) dentro da OPY, antes do pôr do sol, no pátio central, ao som do RAVE’I (violino).

A dança Xondaro é praticada com o objetivo de limpar o espírito e disciplinar o corpo com movimentos, ela lembra a capoeira, uma arte de defesa, um treinamento em que os integrantes meninos e meninas aprendem a se defender de ataques de animais. É uma prática que visa o fortalecimento do corpo e do espírito (mboraete).

O termo XONDARO vem do português e significa “soldado”, mas também pode

ser interpretado como “Guardiões do Espaço Físico ou Espíritos que protegem a Tekoa”, e que tem a função de limpar as pessoas. Com a dança, o Guarani acredita receber a força de NHANDERU, para assim conseguir superar as dificuldades do dia-a-dia.

A dança possui componentes religiosos, com significado cultural marcante para a comunidade Mbyá – Guarani. Seu intuito é o aquecimento do corpo para as rezas noturnas e para proteger a OPY (casa de reza). A sua coreografia segue os princípios de três pássaros: MAINO’I (BEIJA-FLOR), e representa o aquecimento do corpo; o TAGUATO (GAVIÃO) significa evitar que o mal entre na OPY (casa de reza); o MBYJU (ANDORINHA), cuja coreografia é uma espécie de luta em que um deve “derrubar” outro com os ombros e esquivar-se de um possível tombo.

Entre os variados instrumentos musicais usados pelos Guarani estão o BRACUI: o violão comum de madeira com cinco cordas de náilon afinadas de modo diferente do convencional, e a RAVÉ’I ou rabeca que é um violino feito artesanalmente de pele de cutia ou “palmito duro”, com três cordas de aço acionadas por um arco de 35 centímetros feito de corda de imbira¹⁴¹⁵.

Na dança enquanto os meninos batem os calcanhares em uma grande roda, as meninas fazem movimentos de defesas, cantam e dançam. Os praticantes da dança são chamados de Xondaro e Xondarai.

Conforme depoimento do Xamoi Marcolino Silva, ele nos explica que o Xondaro não é só uma dança, é uma forma de defesa que antigamente usava a dança. Quando acontecia alguma coisa em outras aldeias, os adultos Xondaros se reuniam para enfrentar qualquer ataque com habilidade, para se defender de outras pessoas. Nas palavras do Xamoi Marcolino, “Vamos mostrar para a sociedade, acreditarem que nós Guaranis temos nossa prática, nossa cultura e nossas tradições e devem ser respeitadas e valorizadas. Nossa dança não é brincadeira” (Entrevista com Xamoi Marcolino Silva, realizada em 2020)

Abaixo segue a explicação comentada acima escrita em Mbyá Guarani:

Tekoa Araça’i py kyringue ojerokyrã Xeramoi ijayvyague. Jerokyreguare, Xondaro. Kyringue ayma pejeroky ta apy Xondaro py ha’ema yma Nhandekuai e’ yrei kuai nhaneramoi kuery há’e kuery ogueredora’ ka’e

¹⁴ O imbirá é uma espécie de cipó bem resistente usado para amarrar fechos de lenha, e também para fazer corda para instrumento musical preso a uma haste de pindó. (Entrevista com Silvio de Quadro realizada em janeiro de 2023)

jeroky Xondaro py ojeroky, ojerokyxereivy he'y ojerokyraka'e ymapy ikuairaka'e Xondaro kueryete ikuai Tekoa oi há'eramiapy mba'emo oikorã oo há'epy omboekovia okuapy. Ha'erami Xondaro ikuai. kova'e jerokyma nhaderete vevui aguã há'e nhandereva pyxo aguã; á' evyma kyringue pejeroky va'eri toryai reve'y jajeroky rá á'evarive. (Depoimento do Xamoi Marcolino Silva coletado em entrevista realizada em 2020)

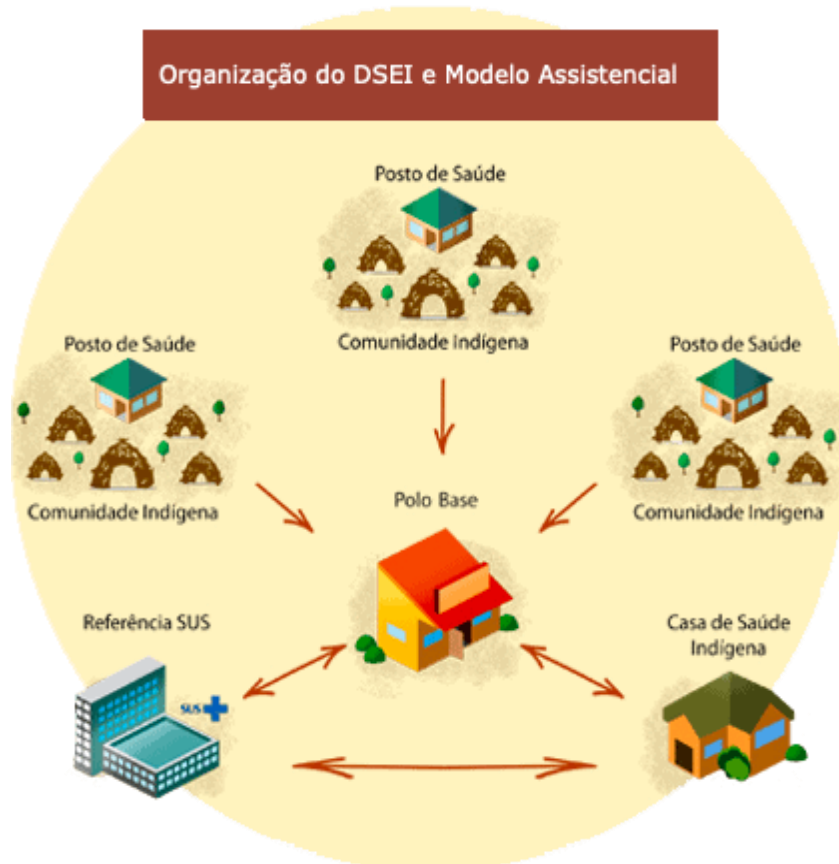
O xondaro é parte da cultura Mbyá Guarani, e, junto com outros elementos que destacamos neste capítulo acerca de suas tradições, celebrações, produção de alimentos, cestarias, ornamentos de proteção, compõe a resistência deste povo indígena.

2.5 Saúde Indígena Tekoa Araçá I

Segundo Zarpelon (2021), em nosso país, a responsabilidade em coordenar uma Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, e de conduzir no Sistema Único de Saúde (SUS) o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASISUS), é da Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI), no Ministério da Saúde. Através dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), a SESAI busca orientar ações de atenção integral à saúde da população indígena, inclusive de educação em saúde. Cada DSEI conta com postos de saúde, com polos-base, que podem estar localizados dentro das aldeias ou ainda em algum município próximo. Também, conta com as Casas de Saúde Indígena (CASAIS). (ZARPELON, 2021).

A imagem abaixo representa as instituições responsáveis e o fluxo entre elas para a atenção à saúde indígena.

Figura 19 – Organização da Assistência à Saúde Indígena



Fonte: Imagem SESAI (15)

No caso da Tekoá Araçáí, ela conta com um posto de saúde dentro do próprio território. O antigo posto, feito de madeira e muito precário, não atendia a demanda da Tekoa. Sempre na luta por melhorias, a comunidade recebeu no ano de 2016 uma nova unidade com uma estrutura de 128,95 m².

O nome da Unidade Básica de Saúde (UBS) carrega o nome de Jorge Roberto Carvalho Grando, uma homenagem a que foi quem acolheu os indígenas. A unidade oferece atendimento diário com técnica de enfermagem, um agente comunitário e o motorista, todos residem na Tekoa, e durante a semana a Secretária Especial de Saúde Indígena disponibiliza médico, dentista, enfermeiros para realizar o atendimento completo.

¹⁵ Imagem retirada do artigo: ZARPELON, Cecília. Nhengue: a menstruação e a saúde das mulheres indígenas do Paraná. In: **Plural Curitiba**. Online: Curitiba, 17.10.2021.

Figura 20: Antigo Posto de Saúde da Tekoa Araça'í



Foto de Neuza da Silva (2018)

Figura 21: Unidade atual do Posto de Saúde da Tekoa Araça'í



Foto de Neuza da Silva (2022)

Acima podemos observar duas fotos do Posto de Saúde da Tekoa Araça'í, a primeira datada de 2018 demonstra as condições iniciais de atendimento da unidade básica. A segunda, datada de 2022, demonstra as condições atuais, que através de

muita luta, tem uma estrutura melhor para o atendimento e promoção à saúde básica. Mesmo com a instauração desta unidade básica, e o acesso à médicos e dentistas que realizam o atendimento à Terra Indígena, a comunidade não deixou de lado suas tradições em relação à importância do uso das plantas medicinais, e também de alguns partos que ainda ocorrem de forma tradicional através da parteira dona Natalina da Silva.

Todos os elementos que destacamos neste capítulo fazem parte do processo de territorialização da TeKoa Araça'l. A consolidação deste território, rico em cultura, em produzir um modo de vida e de existência, exige necessariamente a homologação da demarcação destas terras. Esse processo é parte do fortalecimento e da continuidade de sua existência.

Importante também destacar que o processo de territorialização desta Terra Indígena se deu articulada à Educação, à construção da Escola Indígena dentro de seu próprio território. E, através dela, se estabeleceram as bases da constância de seu fortalecimento como povo Mbyá Guarani. A seguir, dedicamos um capítulo para discutir sua origem e seu papel na comunidade.

CAPITULO III

A ESCOLA INDÍGENA MBYA ARANDU NA TEKOA ARAÇA'Í

Como sistematizado acima, cerca de 40 indígenas da Etnia Guarani Mbya, entre adultos e crianças foram trazidos da região de Palmeirinha/PR pelo senhor Jorge Roberto Grando, que na época era secretário do meio ambiente. Os indígenas foram instalados em uma chácara onde atualmente funciona um Pesque e Pague, e na época foi denominada Aldeia Karuguá (arco-íris). Contudo, o senhor Marcolino da Silva, Cacique da Aldeia, não se adaptou ao lugar, pois considerava que local era muito próximo da cidade. Deste modo, a comunidade se mudou para outro local, um espaço de Reserva de Proteção Ambiental localizada a 16 km do centro de Piraquara.

A Escola Indígena chega comunidade da Aldeia Araça'í em 1999.

No início da constituição da aldeia não havia escola. O professor Nhengatu Mirin (Gilmares Guilherme da Silva) começou a ensinar as crianças apoiado pelo seu pai Cacique Marcolino Silva e sua Mãe Natalina da Silva. O ensino ocorria na OPY (Casa de Reza), local sagrado para o Guarani. Ali ele procurava alfabetizar as crianças mesmo sem estrutura, mas com sonho de ter uma escola dentro da aldeia.

Porém, ele estava ciente que os mais antigos não queriam escola porque para eles a casa de reza já era para o aprendizado das crianças. Eles não viam a necessidade e a importância em aprender a ler e escrever, pois neste entendimento o que era transmitido na cultura Guarani através da casa de reza já era suficiente.

Foi durante uma campanha da fraternidade por uma "Terra sem Males" que o Colégio Bom Jesus chegou até a Aldeia Araça'í em 1999. Professor Gilmares sempre esteve à frente da educação, quando se deu início as atividades com a construção da escola, ele já atuava como professor alfabetizador, assim que a escola foi construída ele, passou a dar aula de língua guarani e português. Ainda em 2005 o educador Gilmar Guilherme da Silva (Nheengatu Mirin) assume oficialmente como docente e passa a integrar o quadro de educadores.

Assim, em 2002 foram construídas duas salas de aula, uma cozinha e um banheiro para o funcionamento da escola. A inauguração foi feita pelo então Secretário do Estado do Paraná, o professor, Mauricio Requião. Oficialmente a escola

foi criada e autorizada pela Resolução nº 229/03, publicada no Diário Oficial de 14/08/2003.

Abaixo destacamos uma foto de 2017 que retrata a primeira construção da Escola Mbya Arandu.

Figura 22: Escola Indígena Mbya Arandu antes da reforma



Foto de Neuza da Silva (2017)

Além da colaboração do Colégio Bom Jesus, a construção e o fornecimento do material didático da escola inicialmente tiveram apoio pedagógico da prefeitura Municipal de Piraquara através da Secretaria Municipal de Educação. Em 2005, a Secretaria Estadual de Educação passou a ser mantenedora e responsável por toda a orientação pedagógica aos docentes através do Núcleo Regional de Educação Área Metropolitana Norte e do Departamento da Coordenação Escolar Indígena. O processo de construção do nome foi feito através da escolha da própria comunidade: Mbya Arandu, que significa “Sabedoria Guarani”.

Baseada na manifestação da vontade da comunidade escolar Mbya Arandu, em 2004 Izabel Goulart foi convidada a se integrar no espaço escolar. Ela foi convidada pelo Cacique Marcolino Silva que a conheceu em uma das atividades promovidas pela SEED. Em 2005 a professora Izabel Goulart começou a trabalhar em sala de aula. No período de 2005 a 2009 a escola foi abrindo turmas gradativamente, para atender os educandos do Ensino Fundamental - series inicial. Ainda em 2005 o educador Gilmar

Guilherme da Silva assume oficialmente como docente e passa a integrar o quadro de educadores.

A perda de Nhengatu Mirin foi muito sentida pela comunidade, pois ele, além de ser um líder, sempre tinha a preocupação em manter a escola viva, e procurando valorizar a autonomia da Escola Indígena mantendo seus costumes, crenças e sabedoria. Junto com a comunidade, professores, estudantes e escola dão um passo importante na construção participativa do Projeto Político Pedagógico.

A Escola hoje atende o Ensino Fundamental, primeira e segunda fase. Mas ainda não disponibiliza o Ensino Médio, e por isso, os indígenas necessitam sair da aldeia para continuar seus estudos.

No ano de 2019 foi realizado um diagnóstico sobre as condições materiais do espaço escolar indígena. Esse diagnóstico identificou que a estrutura da escola não atendia mais a demanda de professores, estudantes e funcionários, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento das atividades que são planejadas dentro ou fora de sala de aula. A escola por exemplo, não possui quadra de esporte.

No início do ano letivo de 2019 foi realizada uma reforma com reparos rápidos, melhorando um pouco sua estrutura básica. Foi trocado o telhado, janelas e portas, feita a restauração do chão de madeira, do forro e também dos banheiros. A obra ficou avaliada no valor de R\$ 76.996,71.

Abaixo destacamos uma foto da Escola Indígena Mbya Arandu após esta reforma.

Figura 23: Escola Indígena Mbya Arandu reformada



Foto de Neuza da Silva (2019)

A Tekoa Araça'í também foi contemplada com um projeto chamado de PIECITOS COLORADOS da empresa Prosegur, onde através dela a Terra Indígena foi contemplada com a construção de um novo espaço escolar. Este espaço compõe salas de aula são 3 salas de aula, sala de professores, refeitório, cozinha, banheiros, salão para reuniões da comunidade, da escola, e com convidados externos.

A seguir destacamos uma foto que demonstra parcialmente esta nova estrutura.

Figura 24: Nova estrutura da Escola Indígena Mbya Arandu



Foto de Neuza da Silva (2022)

A instituição não disponibiliza de programas como, por exemplo, a sala de apoio, que destituída em 2017, ainda se faz necessário e de fundamental importância para a escola.

O convívio entre educandos e educadores é harmonioso. Destacamos que sempre há disposição em atender as necessidades dos educandos, apresentando-se sempre como amigos (a) e não apenas professores e funcionários que estão apenas para mediar os conhecimentos.

3.1 Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Mbya Arandu

A concepção que perpassa a proposta pedagógica da Escola encontra-se presente em todo o corpo do trabalho. O PPP é baseado nas orientações do Ministério da Educação e Cultura a respeito da necessidade de construir experiências autônomas e caracterizadas pelo respeito à tradição e costumes das comunidades

indígenas, e pelo princípio da interculturalidade.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (MEC/SEF, 2019):

A Educação escolar Indígena no Brasil vem obtendo, desde a década de 70 avanços significativos no que diz respeito à legislação, que a regula. Se existem hoje leis bastante favoráveis quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, na prática, entretanto, há enormes conflitos e contradições a serem superados. Este documento foi escrito na expectativa de que possa contribuir para diminuir a distância entre o discurso legal e as ações efetivamente postas em práticas nas salas de aula das escolas indígenas. (MEC/SEF, 2019, P. 11)

O documento também nos indica que o processo de construção das escolas indígenas enfrenta problemas:

A inclusão das escolas indígenas nos sistemas oficiais de ensino em todo o país é muito recente, ainda se encontra em difícil processo de construção, enfrentando problemas e buscando soluções condizentes com o direito constitucional a uma educação específica e diferenciada. Vários são os fatores responsáveis por este quadro de dificuldades. (MEC/SEF, 2019, P. 39)

A educação precisa garantir aprendizado e total acesso para todos:

Outro aspecto está relacionado à implementação e execução de políticas públicas educacionais estabelecidas através de planos governamentais como o Plano Nacional de Educação, e definidas em textos legais Constituição Federal e Lei de Diretrizes da Educação. A atenção deve estar voltada, prioritariamente, para os dois campos: a) a regulamentação jurídica das escolas indígenas, contemplando as experiências em curso bem sucedidas e reorientando as demais para que se adaptem aos princípios da especificidade, da interculturalidade e do bilinguismo,) o reconhecimento de que uma educação às necessidades de interlocução com as escolas não indígenas, só será realmente, eficaz se conduzida por professores índios que devem por tanto, ter acesso a cursos de formação inicial e continuada, especialmente planejados para o trato com as pedagogias indígenas. (MEC/SEF, 2019, P. 40)

Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Mbya Arandu. A concepção da proposta pedagógica está pautada na cultura e no respeito a tradição e costumes das comunidades indígenas que devem ser interculturais e específicas. Nela, a escola estabelece uma nova concepção de educação valorizando a diversidade cultural, as diferenças, e combatendo o preconceito, valorizando a diversidade cultural. Construir um consenso a partir destas múltiplas questões é parte de compromisso ético enquanto sujeito histórico. Os conteúdos são selecionados de

acordo com a comunidade atendida, respeitando sua cultura e buscando possibilidades de interação com a diversidade cultural existente em seu entorno – . (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021)

3.1.1 Currículo Escolar Indígena

O currículo de uma escola indígena Mbya Guarani necessita relacionar tudo o que está em sua volta, e que é um todo onde não há separação. É um conjunto de elementos que nos faz compreender melhor (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021).

Conforme o Projeto Político Pedagógico, a concepção de educação, ciência e ensino são descritas da seguinte forma:

A concepção de Educação se caracteriza de diversas formas de compreensão: Através da própria cultura, tradições, oralidade e com as práticas culturais da comunidade Mbya Guarani. A educação se torna um processo natural da cultura desde seio da família até final da vida.

[...] A concepção de Ciência está ligada a própria cultura dos antepassados que proporciona a vida e de como interpretar o mundo ao longo do tempo. Como também a ciência da sociedade envolvente ciência da humanidade.

[...] A concepção de Ensino está ligada a cultura e o processo educacional que envolve a todos da comunidade Mbya guarani desde aprender a falar, cantar, caçar, realizar tarefas de acordo com a idade etc... O ensino também está vinculada a escola no processo de ensino e aprendizagem. O ensino se destaca com a convivência com os mais velhos atribuindo o conhecimento ancestral de forma natural da própria cultura. (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021, p. 57)

O mesmo projeto indica que Escola é parte de um processo de aprendizagem intercultural, que envolve direitos e deveres, assim como acordos, regras e regimentos estipulados coletivamente a partir de várias reuniões que ocorrem em todas as etapas de ensino. (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021)

Como consta no projeto:

A escola visa proporcionar a aprendizagem com a ciência, conhecimento que sustenta os processos de aprendizagem contribuindo com a sabedoria local. As inter-relações entre os não indígenas e os Mbya Guarani proporciona essas trocas de saberes complementando e garantindo os direitos ao ensino. (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021, p. 58)

O entendimento de Tecnologia para a educação indígena Mbya Guarani deve estar relacionado ao aperfeiçoamento das técnicas de caça, pesca e construção, ou ainda na observação das constelações. A tecnologia tradicional “permeia no seio da

comunidade”, e historicamente trouxe para benefícios assim como os males que se expressam em toda a sociedade. Nesse sentido, “a absorção da tecnologia deve servir aos interesses de todas as nações para que forma sustentável chegue e emancipe as necessidades dos mais carentes de forma positiva”. (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021, p. 58)

O currículo desta Escola é organizado a partir das seguintes disciplinas para o Ensino Fundamental, nas séries iniciais e finais:

Quadro 02 – Disciplinas do Currículo da Escola Indígena Mbya Arandu

Séries Iniciais	Séries Finais
Língua Guarani	Língua Guarani
Língua Portuguesa;	Língua Portuguesa;
História;	História;
Geografia;	Geografia;
Ciências;	Ciências;
Matemática;	Matemática;
Arte;	Arte;
Educação Física	Educação Física
----	Língua Inglesa

Fonte: (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021, p. 60).

Os vários temas que envolvem a diversidade cultural e suas interações são trabalhados como temas transversais no corpo das disciplinas acima mencionadas. Como, por exemplo, podemos citar: Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Estatuto da Igualdade Racial, Convenção 169 OIT (Organização Internacional do Trabalho), Declaração das Nações Unidas sobre os Povos Indígenas, Lei de crimes hediondos, Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei Maria da Penha. (MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA, 2021)

A Escola Mbya Arandu, percebendo a necessidade e a dificuldade na aquisição de materiais de uso doméstico e também a importância da preservação do meio ambiente no qual a população indígena vive, construiu a proposta de desenvolver projetos interdisciplinares para discutir e estudar os temas, assim como desenvolver ações efetivas e transformadoras na comunidade.

Visando resgatar a importância da cultura indígena, os projetos elaborados buscam realizar um trabalho interdisciplinar que possibilite trabalhar questões diversas a partir da necessidade, não apenas com os alunos, mas envolvendo toda a comunidade. Estes projetos visam principalmente a preservação e o fortalecimento da cultura Mbya Guarani como, por exemplo: o artesanato indígena; o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente, temas essenciais para a sobrevivência do povo indígena.

3.1.2 Calendário Escolar

A elaboração do calendário escolar é flexível e obedece às especificações e peculiaridades da comunidade indígena como: fenômenos da natureza e festas culturais da etnia, garantindo-se os 200 dias e as 800 horas-aula do ano letivo, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96.

O calendário da escola é diferenciado respeitando, as celebrações da comunidade e atendendo os feriados do Juruás.

Abaixo destacamos uma imagem do calendário escolar do ano de 2019, que como podemos observar contempla um período relacionado aos jogos indígenas, ao dia da consciência negra, ao dia de Karai Ruxiva (22 de abril), de Werá Tupã (09 de junho), dia internacional dos povos indígenas (09 de agosto), dia da celebração da Erva Mate (21 a 23 de setembro). O calendário também contempla as datas das celebrações oficiais instituídas pela Secretaria de Educação do Estado.

Figura 25 – Calendário da Escola Indígena Mbya Arandu (2019)

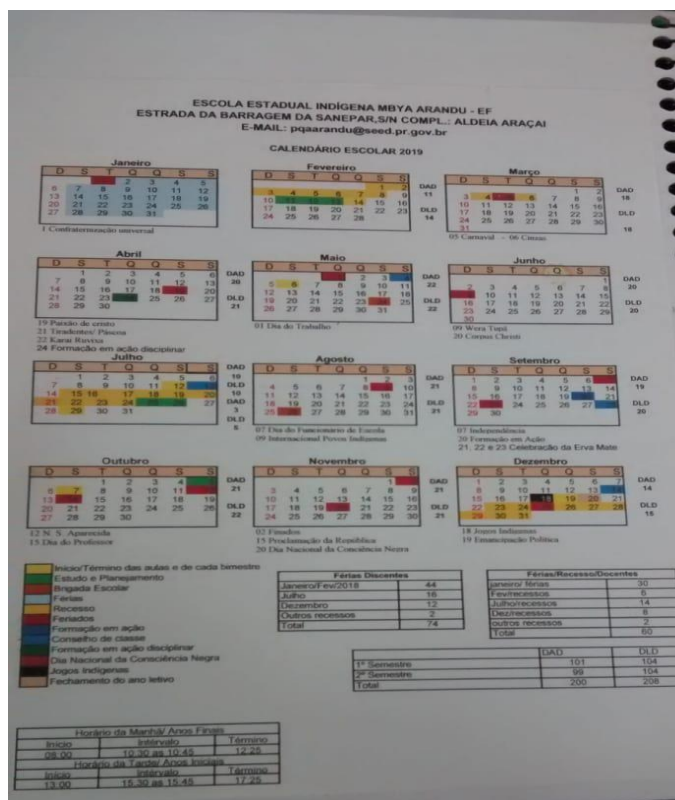


Foto de Neuza da Silva (2019)

É importante ressaltar a necessidade do calendário escolar indígena poder articular os dias e os tempos que remetem à cultura indígena. Esses aspectos, apresentados no capítulo anterior, fazem parte do cotidiano de sua existência e de sua resistência como povo indígena Mbya Arandu. E, o papel de uma escola indígena dentro de sua comunidade é fundamental para manter, fortalecer e reavivar junto à juventude seus conhecimentos tradicionais, ao mesmo tempo em que possibilitar o conhecimento de outros povos, e do conhecimento já sistematizado pela humanidade.

O aspecto histórico cultural, que se evidencia no calendário escolar indígena é uma expressão importante de uma educação pública e de qualidade que leve em conta a diversidade em nosso país.

3.1.2 Gestão Escolar

Na Escola Estadual Indígena MBYA ARANDU optou-se pela gestão democrática participativa na qual o diretor incentiva a participação de todos os envolvidos com a educação na tomada de decisões.

De acordo com Libâneo (2001):

A gestão participativa baseia-se na relação orgânica entre a direção e a participação do pessoal da escola. Acentua a importância da busca de objetivos comuns assumidos por todos. Defende uma forma coletiva de gestão em que as decisões são tomadas coletivamente e discutidas publicamente. Entretanto, uma vez tomadas as decisões coletivamente, advoga que cada membro da equipe assuma sua parte no trabalho, admitindo-se a coordenação e a avaliação sistemática da operacionalização das decisões tomadas dentro de uma real diferenciação de funções e saberes.(LIBÂNEO, 2001, p.98)

A educação escolar indígena passa por muitos desafios, na maioria são escolas pequenas, sem estruturas e sem material didático, que vá de encontro com a realidade.

3.1.3 Quanto ao vínculo pedagógico entre a Escola Mbya Arandu e a Comunidade Indígena

De acordo com a gestão da Escola Indígena Mbya Arandu, o planejamento pedagógico da Escola acontece semanalmente e conta com participação da pedagoga e com o corpo docente de forma coletiva e individual, embora algumas das reuniões pedagógicas ocorram conforme a demanda da Escola.

As reuniões com os pais ocorrem de forma trimestral para entrega dos boletins e pareceres com as notas que são atribuídas através de trabalhos, provas e cadernos para o Ensino Fundamental II. Já para o Ensino Fundamental I é realizado um parecer descritivo dos educandos, onde são avaliados os desempenhos dos estudantes. Geralmente estas reuniões acontecem na OPY (casa de reza).

Com relação à participação da família na escola, observa-se pouco acompanhamento no aprendizado dos seus filhos e nos eventos promovidos. A escola promove bimestralmente reuniões administrativas e pedagógicas para avaliar e reavaliar os trabalhos desenvolvidos e também ouvir as reivindicações da comunidade.

Em relação aos estudos pedagógicos existe dificuldade por parte do professor em direcionar uma atividade extraclasse. Isso ocorre porque os pais não tem nenhum, ou pouco estudo acarretando a falta de incentivo para a participação das mesmas.

3.1.4 Quanto à Educação Especial

No capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), lei nº 9.394/96, indica a necessidade de as escolas assegurarem a oferta e inclusão do Ensino Especial. Indica que o Estado deve proporcionar o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiências, e a escola deve se tornar um espaço fundamental para a inclusão e para o exercício da cidadania, da atenção a diversidade preconceitos. As instituições escolas devem atender a todos sem distinção, e organizar processos de formação para seus professores e quadro de funcionários para que este princípio seja efetivado.

Atualmente, na Escola Estadual Indígena MBYA ARANDU não há crianças portadoras de necessidades especiais. No entanto, se tal fato ocorrer a escola deverá se organizar pedagogicamente para o atendimento deste estudante.

3.2 Reformulando o Projeto Pedagógico da Escola Indígena Mbya Arandu

A Escola Indígena Mbya Arandu está passando por um processo muito rico de reformulação do Projeto Político Pedagógico, onde estão ocorrendo vários processos coletivos junto à comunidade indígena e à comunidade escolar indígena. A construção do PPP foi realizada de forma democrática e participativa, com reuniões, com a comunidade escolar, grupo e estudo da UFPR, pais, estudantes e conselho escolar, as reuniões feitas na escola e na casa de reza.

Abaixo, destacamos uma série de fotos sobre esse processo de construção coletiva que envolve professores, estudantes, a comunidade Mbya Guarani, e demais integrantes do quadro de funcionários da Escola.

Figura 26: Reformulação do Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Mbya Arandu

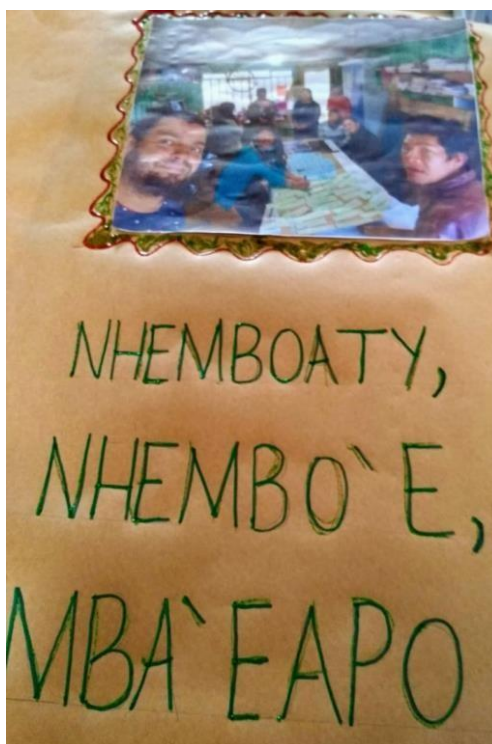


Foto de Neuza da Silva (2022)

Figura 27: Imagens da Reformulação do Projeto Político Pedagógico



Foto de Neuza da Silva (2022)

Figura 28: Atividades com Estudantes e Apresentação das Propostas



Foto de Neuza da Silva (2022)

Figura 29: Apresentação das Propostas para a Comunidade



Foto de Neuza da Silva (2022)

O processo de reconstrução do PPP teve muita importância para a escola e comunidade, a realização da apresentação das propostas como mostra as imagens nos trouxe a certeza que um trabalho desenvolvido em equipe, agrega diferentes esforços, vivencia e saberes.

Participamos na reformulação do PPP através de pesquisas, leitura de textos, participação em reuniões com a comunidade e grupo de estudo com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Litoral. Para essa construção levantamos aspectos positivos das propostas e apresentamos para a comunidade. O processo foi democrático e teve um significado muito importante pelos momentos de diálogo que trouxeram toda a especificidade da história da Tekoa.

3.3 Equipe de trabalho da Escola Indígena Mbya Arandu

Os professores que atuam na escola passam pelo processo de inscrição no Processo Seletivo Simplificado (PSS). Após a inscrição e classificação, eles passam pela seleção da comunidade onde eles se reúnem com os candidatos para ver as propostas, assim ele fazem a escolha.

No período da manhã é ofertado o Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), que é composto por 4 professores *jurua's*, todos com formação acadêmica, e 1 professor indígena com formação magistério indígena da língua guarani. No período da tarde é ofertado o Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano), Ano-Ciclo, e composto por 4 professores indígenas. Todos com ensino médio completo e cursando graduação, mais 1 professor *jurua* para língua portuguesa. A escola possui 3 funcionários terceirizados, sendo 2 funcionárias auxiliares de serviços gerais, com ensino médio completo, e mais uma 1 auxiliar administrativa com ensino médio completo e cursando graduação. Possui também uma pedagoga e o diretor.

Como parte da equipe de trabalho da Escola, consideramos que os desafios para a construção de uma educação indígena pública e de qualidade são muitos, alguns em longo prazo, outros mais imediatos. Porém, o importante é a compreensão coletiva da equipe de que “juntos somos mais fortes” para a superação destes desafios.

A tekoa Araça'í em sua história de resistência indica uma homenagem ao Professor Gilmares Guilherme da Silva, **Nhe'engatu Mirim** que iniciou o caminho para uma educação indígena junto ao povo Mbya Guarani, para todos os educadores e equipe de trabalho que estão atuando hoje na Escola Indígena Mbya Arandu.

Em sua língua, a Terra Indígena Araça'í afirma coletivamente: “Orekuery roguerovy'a pavê rei prombo'ea karai Nhe'engatu omboypy tape pavê pe ay porombo'ea kuery pe”¹⁶.

Abaixo, destacamos uma imagem de Nhe'engatu Mirim junto às crianças da aldeia.

¹⁶ Tradução: Nós todos ficamos felizes e agradecidos, que o professor Nhe'engatu abriu o caminho da educação para que todos os professores indígenas sigam em frente.

Figura 30: Nhe'engatu Mirim



Foto de Neuza da Silva (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância deste trabalho realizado na Tekoa Araça'l está principalmente nas muitas reflexões que abriram caminhos para o conhecimento de saberes dos povos indígenas. Foi possível relatar a história dessa comunidade na perspectiva de sistematizar informações sobre seu modo de vida. Teve como principal base o diálogo com os moradores trazendo uma relação entre a história dos povos indígenas com os dias atuais que eles se encontram. O trabalho, resultado da pesquisa realizada, mostra como vivem os Mbya Gurani da Tekoa Araça'l, uma comunidade bem reservada que preserva sua cultura, suas tradições e saberes.

Analisando o processo histórico dos povos indígenas vemos que a luta pelo seu território foi banhada de muita violência como as desapropriações, e as mortes dos que resistiram e sempre lutaram para garantir seus direitos que estão expressos na Constituição. Mas esses direitos são negados.

Em busca de seus direitos os indígenas nunca deixaram de lutar para preservar sua cultura, suas tradições, e que seu modo de vida seja respeitado. Tivemos momentos marcantes nessa luta dos indígenas, como nos aponta Silva (2018), afirmando que durante o processo de redemocratização no Brasil, houve uma ampliação do debate sobre a questão indígena. Este debate ocorreu a partir da mobilização de várias organizações defensoras dos povos indígenas, como por exemplo, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), e as associações de povos indígenas que foram sendo criados, que culminaram esforços na constituinte de 1988 (SILVA, 2018).

Na constituição de 1988, especialmente no artigo 231, são reconhecidos aos índios “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre a terra que tradicionalmente ocupam”. Também aponta que compete à união “demarca-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988). Um documento anterior, denominado Estatuto do Índio, produzido em 1973, indica no artigo 172, inciso IX, que a proteção das comunidades indígenas e a preservação de seus direitos, é responsabilidade da União, dos estados e municípios,

contribuindo na defesa das terras que habitam e reconhecendo seu direito de usufrutodas riquezas naturais. (SILVA, 2018)

A pesquisa teve seu objetivo geral alcançado. Envolveu depoimentos da comunidade local, onde obtivemos muitos aprendizados. A partir do relato de cada um que participou, enriqueceu o trabalho com informações, análises e reflexões que demonstram a potencialidade e força da resistência indígena Mbyá Guarani. Consideramos que este trabalho pode ser um material didático disponível na biblioteca da escola indígena, contribuindo com a sistematização da história da Tekoa. Infelizmente não houve tempo hábil para desenvolver um material pedagógico especial (cartilha), como apontado num de nossos objetivos específicos, o que poderá se configurar como próximos passos junto à comunidade.

O que eu levo para minha vida é que a questão indígena ainda continua sendo um dos termômetros para medir a democracia e alcance da prática dos direitos humanos. Respeitar os direitos indígenas já consagrados nos marcos legislativos é condição necessária para construir uma sociedade possivelmente mais justa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa, Editora Presença, [S.D.]

APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI 9394/96. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em janeiro de 2023.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto Nº. 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica**. Brasília, MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Inclusão. Revista da Educação Especial**.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica / Conselhos Escolares: democratização da escola e construção da cidadania / elaboração Inez Navarro...(et. al.) – Brasília: MEC, SEB, 2004.**

CANDAU, V. M. **Construir ecossistemas educativos – reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a Escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CAPELO, V. de A. **O Leviatã e os jesuítas: uma análise das regras disciplinares do Colégio Santo Inácio no quadro institucional do Estado- Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1982. 451 p. :il. BBE Dissertação Mestrado em Educação)- Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, 1982.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CHAMORRO, Graciela. **Os Guaranis: sua trajetória e seu modo de ser**. In.: Cadernos do Comin (Conselho de Missão entre Índios) 8, IRCLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: São Leopoldo-RS, 1999. Disponível em: <https://comin.org.br/publicacao/os-guaranis-sua-trajetoria-e-seu-modo-de-ser>. Acesso em: 03 set. 2019.

CRUZ, A. da, e PASSOS, M.E.D.A., **Avaliação Escolar: Desafios e Perspectivas**. In: De Castro, A.D. e Carvalho, A.M.P. (orgs.) *Ensinar a Ensinar*. Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Thomson Learning, 2001 (pp.177-195).

DALBEN, Â. I. L. de F. **Conselhos de Classe e Avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas: Papyrus, 2004.

DCE. **Diretrizes curriculares da rede de educação básica do estado do Paraná. Versão preliminar**.

ENGUITA, M. **Revista Raízes e Asas** n. 8. São Paulo: CENPEC, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian LopesMartin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Sobre Educação (Diálogos)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FUSARI, J.C. A Formação continuada de professores no cotidiano da escola fundamental. In: CONHOLATO, M.C. et al. e Sala de Apoio (Coords). **O papel do diretor e a escola de 1º grau**. (Série Ideias, 12). São Paulo: FDE, 1992.p. 25-33.

GANDIN, Danilo. **A Prática do Planejamento Participativo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GARLET, Ivori; ASSIS, Valéria S. de. Desterritorialização e Reterritorialização: a compreensão do território e da mobilidade Mbyá Guarani através das fontes históricas. In.: **Revista Fronteiras**. Vol. 11, no. 19. Dourados, MS: Online, jan/jun – 2009. Pg: 15-46. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/447/320> Acesso em agosto de 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. (3 cd) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HISTÓRIA E CULTURA GUARANI. **A caminhada Guarani Mbyá e os Significados dos Desenhos nas Cestarias**. UDESC: FAED-PPGH; PROFHISTÓRIA; CAPES: *Online*, “s.d.” (a) Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/artesanato/artesanato-e-territorialidade/a-caminhada-guarani-mbya-e-os-significados-dos-desenhos-nas-cestarias/#:~:text=Os%20cestos%20com%20desenhos%20das,e%20andam%20entre%20as%20aldeias> . Acesso em janeiro de 2023.

HISTÓRIA E CULTURA GUARANI. **A formação Guarani na Casa de Reza**. UDESC: FAED-PPGH; PROFHISTÓRIA; CAPES: *Online*, “s.d.” (c) Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/educacao-guarani/opy-a-primeira-educacao/a-formacao-guarani-na-casa-de-reza/> . Acesso em Janeiro de 2023.

HISTÓRIA E CULTURA GUARANI. **Temporalidade: como o tempo passa para os Guarani Mbyá?** UDESC: FAED-PPGH; PROFHISTÓRIA; CAPES: *Online*, “s.d.”

(b)

Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/temporalidade-como-o-tempo-passa-para-os-guarani-mbya/> . Acesso em Janeiro de 2023.

KARAI TATA ENDY, Diogo. **Ara Pyau**. Realização: Associação Comunitária Indígena do Bracuó (ACIBRA); Associação Indígena da Aldeia Rio Silveira; Associação Indígena da Aldeia Morro da Saudade; Associação Indígena Tembiguaí; Comunidade Solidária/ Interlocação-SP. Rio de Janeiro: Laboratório do Filme Etnográfico – UFF, Youtube, 31/12/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6B8aQi3rnI8> Acesso em 02/01/2018.

KÜNZLE, M. R. C. **Novos caminhos no mundo e no debate curricular** In: Edição Pedagógica Especial do Jornal 30 de Agosto - APP- Sindicato dos Trabalhadores em Educação. APP - Curitiba: PR outubro de 2004.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, Elvira S. **Avaliação na Escola**. São Paulo: Sobradinho 107, 2005. LUCKESI, C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MBYA ARANDU ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA. **Projeto Político Pedagógico**. Piraquara: documento interno, 2021.

MEC. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial, v. 04. n 05. Brasília: SEESP, 2008.

MEC/SEF. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 2002.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **"Progressão parcial"** (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=448>, visitado em 8/12/2011.

MOREIRA, Antônio F. B. **Currículo: questões atuais**. 6ª Ed. São Paulo: Papirus, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio. Tomaz Tadeu da Silva (orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

NOBRE, Domingos. **História do Povo Guarani no Brasil**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Hist%C3%B3ria+do+Povo+Guarani+no+Brasil&q=Hist%C3%B3ria+do+Povo+Guarani+no+Brasil&aqs=chrome..69i57j33i160j33i22i29i30.1893j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 01 mar. 2019

OLIVEIRA, Maria Helena Cardoso de; SILVA, Valéria Luz da. Relato de Experiência Etnográfica – Projeto Arte Guarani Mbyá do Rio de Janeiro. In: **Interagir: Pensando a Extensão**. N. 5. RJ: Interagir, Jan/Jul, 2004.

PIRAQUARA – PR. **Decreto 2941/2007**: Decreta de Utilidade Pública área indígena

que especifica, destinada a implantação do “Espaço Etno Bio Diverso Mbya Guarani – Aldeia Araçá’í”. Município de Piraquara-PR: Jornal Agora Paraná. N. 1674, 05.05.2007.

PIRAQUARA - PR. **Plano de Saneamento Básico no Município de Piraquara.** Relatório de Diagnóstico. Parte II: Piraquara: Prefeitura de Piraquara, outubro de 2017. Disponível em: [https://piraquara.pr.gov.br/uploadAddress/Piraquara - Diagnostico- Parte II\[6399\].pdf](https://piraquara.pr.gov.br/uploadAddress/Piraquara_-_Diagnostico-Parte_II[6399].pdf) Acesso em agosto de 2022.

SILVA, Darcy. **Maino’í Rape. O Caminho da Sabedoria.** Rio de Janeiro: EditoraUERJ, 2015.

TESSEROLLI, Ana Elizabete Mazon de Souza. **Atlas Geográfico do Município de Piraquara.** Piraquara: Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Superintendência da Educação. PDE - Coordenação Estadual, 2007

ZARPELON, Cecília. Nhengue: a menstruação e a saúde das mulheres indígenas do Paraná. *In: Plural Curitiba. Online:* Curitiba, 17.10.2021.

OLIVEIRA, Maria Helena Cardoso de; SILVA, Valéria Luz da. Relatos de Experiências Etnográficas. Projeto “Arte Guarani Mbyá” do Rio de Janeiro. *In: Interagir: Pensando a Extensão.* N.5. Rio de Janeiro: Interagir, janeiro/junho de 2004. Pp: 107-111)

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação. Guia de Gestão Escolar: Informações e orientações práticas para o dia-a-dia da escola pública.** Curitiba: SEED/SIG, 2002.

PELLEGRINI, D. **Avaliar para ensinar melhor.** In.: Nova Escola, a revista do professor. Janeiro/Fevereiro de 2003. p.26-33.

PENIN, S. F. S. **Educação básica: a construção do sucesso escolar.** Em Aberto, Brasília, n. 53, p. 3-12, 1992.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente.** PortoAlegre: Artes Médicas, 1994. Trad. Eunice Gruman.

ROSS, P. R. **Conhecimento e aprendizado cooperativo na inclusão.** In.: Educar em revista, dossiê Educação Especial, Editora UFPR, 2004. p. 203-224.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 8ª ed. rev. e amp. Campinas, SP, Autores Associados, 2003. Coleção Educação Contemporânea. Boletim CNTE, abril de 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** 36º ed. Revista Coleção Polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP, Autores Associados, 2003.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Superintendência da Educação. INSTRUÇÃO Nº. 013/08-SUED/SEED.** Disponível em:www.diaadia.pr.gov.br/deein/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=27 Acessado em Agosto de 2010.

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. Povos Indígenas e o Direito à Terra na Realidade Brasileira. *In: Revista Serviço Social*. N. 133. SP: set/dez, 2018. PP. 480-500

SILVA, Teresinha Maria Nelli. **A construção do currículo em sala de aula: o professor como pesquisador**. São Paulo: EPU, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Educação, **Trabalho e Currículo na era do pós-trabalho e da pós-política**. In: Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1996.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Tiempo, historia y educación. **Revista Complutense de Educação**, v.5, n.2, p.09-45, 1994.

ANEXOS

ANEXO 01 - LISTA DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM MBYA GUARANI

AJAKA.....	CESTO
ARAPYAU -----	ANO NOVO. TEMPO NOVO
ARAYMA -----	TEMPO VELHO
AVAXI.....	MILHO
GUYRA MARANGATU -----	PÁSSAROS SAGRADOS
GUYRA RU ETE AMBA -----	PARAÍSO DOS PÁSSAROS
IPAKORA ----- SE CONTAM HISTÓRIAS	CÍRCULO DAS REUNIÕES E CONVERSAS ONDE
IPARARYXY ----- CHEGAM EM UMA ALDEIA	CAMINHO QUE OS GUARANIS FAZEM QUANDO
JAGUÁ.....	FEROZ
JAXY IJEVATE -----	LUA CRESCENTE
JAXY INHEPYTUN -----	LUA MINGUANTE
JAXY OVA GUAXU -----	LUA CHEIA
JAXY RA'Y -----	LUA NOVA
JURUÁ -----	POVO BRANCO. NÃO INDÍGENA.
KA'A.....	ERVA
KARAI -----	LIDERANÇA ESPIRITUAL
KARAI RUXIVA	SIGNIFICA GRANDE GUERREIRO
KARUGUA.....	ARCO-ÍRIS
KUARAY.....	SOL
KUERY.....	ELES
MBOI.....	COBRA

MAINO'I	BEIJA-FLOR
MBO'Y	COLAR
MBORAHEI	CANTO-REZA
MBYA ARANDU	SABEDORIA GUARANI
MBYA REKO	MODO DE SER GUARANI MBYA
MBYJU	ANDORINHA
NHANDEREKO	MODO DE VIVER
NHANDERU	DEUS MAIOR
NHEMBAPO VA'E	ARTESÃ
NHEMONGARÁI	BATISMO DO MILHO
NHACANINA	COBRA CANINANA
OPY	CASA DE REZA
PETYNGUA	CACHIMBO FEITO POR GUARANI
POAPY REGUÁ	PULSEIRA
POPYGUÁ	SABEDORIA
PYREGUÁ	PAJÉ
RAVE'I	VIOLINO
TAGUATO	GAVIÃO
TANAMBI POPO	BORBOLETA
TATAXINA	FUMAÇA SAGRADA
TEKO NHEMOEXANKÃ	LUZ DA RESISTÊNCIA
TEKOA	LUGAR BOM PARA O GUARANI VIVER, PARA
CONSTRUIR A ALDEIA GUARANI	
IPARA RYXY	FILA (SÍMBOLO DO GRAFISMO)
TUKÃ	TUCANO
ARAKU	SARACURA
VIXO RA'ANGA	IMAGEM DE ANIMAL
XEJARYI	AVÓS
GUYRA	AVES

XAMOI-----	ANCIÕES QUE TEM MUITA SABEDORIA.
XARYI ----- MEDICINAIS,	RESPONSÁVEL POR FAZER OS REMÉDIOS
XIVI PARA	ONÇA
YPARA KORA -----	DESENHO DAS COSTAS DE UMA COBRA
YPARA JAXA -----	COBRA, REPRESENTA O MOVIMENTO INFINITO
YPARA IXY -----	REPRESENTA O CAMINHO DA COBRA